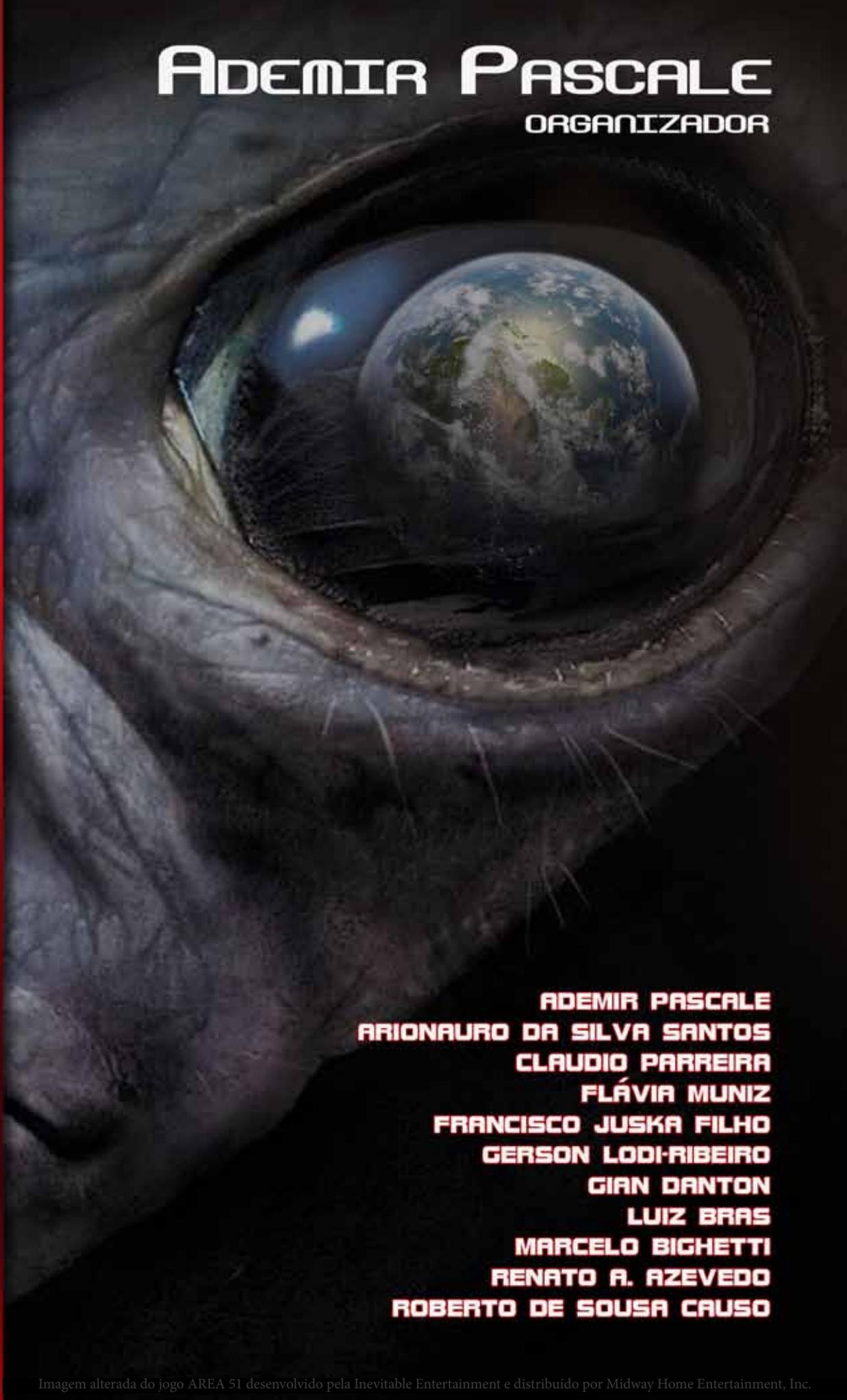


INVASÃO ALIENÍGENA

ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR



ADEMIR PASCALE
ARIONAURO DA SILVA SANTOS
CLAUDIO PARREIRA
FLÁVIA MUNIZ
FRANCISCO JUSKA FILHO
GERSON LODI-RIBEIRO
GIAN DANTON
LUIZ BRAS
MARCELO BIGHETTI
RENATO A. AZEVEDO
ROBERTO DE SOUSA CAUSO

ADEMIR PASCALE
Organização

MARCELO BIGHETTI
Capa e Diagramação



ÍNDICE

INTRODUÇÃO

- 4 CARTA DO FUTURO: O DIA DA INVASÃO
Ademir Pascale

CONTOS

- 8 NAS CATACUMBAS
Luiz Bras
- 11 INVASÃO RETOMADA
Marcelo Bighetti
- 15 TODO O SILÍCIO DO MUNDO...
Gerson Lodi-Ribeiro
- 20 O GRANDE BESOURO
Gian Danton
- 24 O DIA EM QUE ELES CANSARAM DE ESPERAR
Renato A. Azevedo
- 36 PERDIDÃO
Claudio Parreira
- 39 INFILTRADO
Roberto de Sousa Causo
- 43 O HÓSPEDE
Elávia Muniz

CHARGES

- 32 *Arionauro da Silva Santos*
34 *Juska*

CLASSIFICADOS

- 56

INTRODUÇÃO

**Carta do Futuro:
O Dia da Invasão**

Ademir Pascale

As férias escolares de 1983, meu pai nos levou — eu, minha mãe e meus outros três irmãos — de automóvel para o estado de Minas Gerais, numa cidadezinha pitoresca de nome estranho, intitulada Ponto Chic. Lá não tinha asfalto, televisão, energia elétrica ou água encanada. A água tínhamos que retirar do poço da casa da minha avó. Eu achava isso engraçado, pois não entendia como que a água poderia sair tão fresca daquele buraco escuro.

A noite, logo depois do jantar, acendíamos um lampião e nos reuníamos na rústica e ampla sala para ouvir os *causos* do meu avô. Naquela época eu tinha sete anos e estava conhecendo as raízes do meu pai. Na hora de dormir, eu não sentia o colchão muito confortável, mas era uma aventura e tanto, pois a casa era infestada de morcegos.

Na primeira manhã naquele lugar, senti que o ar era bem diferente do ar da cidade de São Paulo, onde eu morava (e ainda moro). Era uma imensidão de verde que eu nunca tinha visto antes. A comida, muito bem temperada era simples: feijão, arroz, farinha de mandioca com carne de sol, abóbora cozida, linguiça frita e muito coentro picado, tudo feito no fogão à lenha. O suco minha mãe fazia com os limões que retirávamos de um pé de limão que tinha lá no fundo do quintal. Aliás, quase nada era comprado, tudo era dali mesmo: o arroz, a farinha, a carne, o feijão, o

coentro, a abóbora e a lenha. Nos finais de semana nós íamos para a fazenda. Lá eu aprendi a pescar e experimentei carne de tatu, que é muito semelhante a carne do frango. Vi pássaros e animais os quais nunca tinha visto antes. Tomei leite quente retirado na hora e vi como as linguiças eram produzidas. A noite acendemos uma fogueira e colocamos alguns peixes secos nuns espetos para assar, enquanto meus tios contavam mais *causos*. Naquela primeira

Na primeira manhã naquele lugar, senti que o ar era bem diferente...

noite na fazenda, olhei para o céu, e juro que fiquei impressionado com a quantidade de estrelas que consegui visualizar. Eram incontáveis estrelas, diferente das que via em São Paulo, que dava para contar nos dedos, isso quando conseguia encontrar uma. Realmente, aquele ano foi muito importante em minha vida, algo que nada e nem *ninguém* poderá retirar. Fico feliz por ter nascido numa época em que não existia DVD, CD, Blu-ray ou Pen drive.

Em 1983, as crianças brincavam nas ruas e não era tão perigoso ficar até tarde da noite conversando com os amigos. Naquela época o contato era físico e a conversa era cara a cara, pois não existia salas de bate-papo ou MSN. Com sete anos de idade, eu nunca tinha ouvido falar da tal internet, aliás, só fui ouvir falar sobre ela no ano de 1995 (anos depois fiquei sabendo que a internet, intitulada na época de

ARPANET, existia desde 1969, mas só chegou muitos anos depois em meu atrasado país), quando fui obrigado a trabalhar de office boy após o assassinato do meu pai por dois assaltantes. Com treze anos de idade eu não sabia andar sozinho pela cidade e me vi completamente perdido. Meu patrão, dono de uma construtora nos Jardins, era um judeu de aproximadamente quarenta anos. Ele não queria saber se eu conhecia ou não as ruas, apenas jogava o

Guia 4 Rodas sobre a mesa e anotava num papelzinho o endereço onde eu deveria ir. No final do bilhete, ele escrevia: “E sem demora”.

Foram anos tristes e felizes. Felizes porque ele, o meu patrão, nem sequer sonhava que em poucos meses eu aprendi a andar nas ruas e a frequentar os fliperamas da Rua Augusta. Quando tinha que sair para fazer um serviço na rua, como ir ao banco ou ao cartório, passava antes na casa de jogos eletrônicos para jogar *Tartarugas Ninja*, *Pacman* ou *Street Fighter*. Isso era uma mania dos office boys de São Paulo. Mas também foram anos ruins, pois foi justamente nesta época que percebi, mesmo viciado em jogos eletrônicos, que as pessoas estavam perdendo o contato físico, como zumbis vidrados nas telas dos monitores ou fliperamas. Tanto eu como meus amigos e provavelmente você que está lendo, não sabíamos que o avanço tecnológico causaria a quase extinção dos seres humanos no planeta Terra. Bom, algumas poucas pessoas sabiam,

mas não nós. Essa frieza causada pelo não contato físico, criou seres humanos diferentes; pessoas que destruíram a natureza sem piedade, apenas para consumir desenfreadamente e para manter os seus vícios oriundos. Eu sou uma delas e estou amargamente arrependido. Algumas pessoas dizem que *eles* estão aqui apenas para exterminar um vírus: nós. Eu acredito nesta hipótese e vou além: somos uma ameaça ao planeta Terra e até para o sistema solar. Éramos gananciosos e não pensávamos no amanhã. Irmão matava irmão. Culturas predominavam sobre outras. Classes sociais escravizavam outras mais fracas. Algo que não acontece no planeta *deles*. Bom, como você está no passado e provavelmente perdido sobre *eles* e *deles*, dos quais citei, iniciarei contando sobre “O dia da invasão”:

São Paulo. Segunda-feira: 06 de março de 2017. 8h25.

Era uma manhã quente e ensolarada com 48 graus. O trânsito, como sempre, estava terrível na Avenida Giovanni Gronchi. Eu estava suando em bicas dentro de uma lotação (transporte coletivo). Por sorte estava sentado, lendo um clássico da literatura e tomando o maior cuidado para o meu suor não cair nas folhas. Estava difícil

respirar, pois o veículo, que deveria suportar confortavelmente quarenta e quatro pessoas, estava com setenta e duas pessoas (sim, eu sempre perdia o meu tempo contando o número de pessoas nas filas ou dentro das lotações). Enfim, era um dia infernal, normal como todos os outros dias. Mas algo quebrou a monotonia: ouvi gritos vindos do lado de fora. Inicialmente achei que era um assalto, ou alguém que atravessou fora da faixa de pedestres e que acabou sendo atropelado, mas quando vi algumas pessoas olhando e apontando para o céu, acima do Shopping Jardim Sul, tanto eu como parte dos outros passageiros, olhamos instintivamente para a mesma direção em que os pedestres estavam olhando. Deixei meu livro cair. Fiquei arrepiaado e boquiaberto com aquela cena: centenas de estranhas naves chegavam e pairavam no ar, sem emitir som algum. Era surreal e eu nunca tinha visto nada igual. Eram naves bem diferentes dos discos voadores dos longa-metragens ou das capas de revistas de ficção científica: elas possuíam a forma de um cilindro e sem exceção, todas eram da cor preta e com uma faixa de cor laranja em seu centro, dando um grande destaque. Em poucos minutos o dia virou noite e já não eram centenas de naves, mas milhares que

encobriam o céu, como se estivéssemos embaixo de um gigantesco teto de metal. Ingênuo, eu não sabia muito bem o que era aquilo. Bem, eu imaginava o que poderia ser, mas jamais acharia que um dia isso se tornaria realidade. Não demorou para a primeira nave quebrar o silêncio macabro e disparar uma espécie de raio num carro próximo a nossa lotação. Aquilo foi o alerta para todas as outras naves começarem a disparar. Aquele poderia ser o último dia de nossas vidas, se não fosse a nossa luta pela sobrevivência e a força de vontade em continuarmos vivos.

Muitos sucumbiram. Mais de 70% da população do planeta foi dizimada. E hoje vivemos na escuridão dos bueiros ou escombros, escondidos como ratos. Mas, mesmo nestas condições, somos organizados e uns protegem os outros. Criamos um sistema poderoso de intranet, o qual os alienígenas não conseguem interceptar. As vezes conseguimos capturar um *deles*, então aproveitamos o máximo possível para estudar sua anatomia e fraquezas, além de criarmos novas armas usando como base a *deles*.

A esperança ainda existe... ou não... Não sei dizer se ainda tenho esperanças, é algo difícil de escrever. Lutamos apenas para sobreviver em cada um destes tortuosos dias.

Muitos sucumbiram. Mais de 70% da população do planeta foi dizimada.

Nas Catacumbas

Luiz Bras

Nunca entendi direito a diferença entre mim e os outros. Sempre senti os outros, meus semelhantes, o mundo todo, como parte de mim mesmo. A parte mais estreita, menos vasta de mim mesmo. Porque tudo o que está fora é sempre menor do que tudo o que está dentro, mas ambos me pertencem. Os prédios e as estrelas do lado de fora, meus, são bem menores do que os prédios e as estrelas do lado de dentro, também meus.

Mas agora as coisas internas começaram a encolher. Contra a minha vontade. Então essa é a diferença entre mim e os outros? Entre o interno e o externo? Será possível que... Será mesmo possível que exista uma fronteira separando os dois mundos, as coisas internas e externas? Agora começo a sentir que estão chupando minha essência. Eles, os invasores. Agora sinto que estão extraindo de mim as maiores riquezas. Separando e subtraindo o fora e o dentro. O que antes era meu, o interior e o exterior, já não é mais meu. É deles.

Os invasores chegaram no primeiro dia do ano. Eram seis. Ficaram dois dias e partiram. Voltaram seis meses depois e não partiram mais. Agora são

uns duzentos. Chegaram em grandes esferas maleáveis como a água. Mais de duzentos, uns trezentos invasores. Seus olhos são poderosos, sugam nossos pensamentos, nossas memórias. No início eles não eram maus. Pareciam ter vindo em paz. Apenas passeavam pela cidade e pelo campo, coletando pedregulhos e sementes.

A situação começou a ficar feia quando um dos invasores

Tivemos que fugir para as catacumbas. Metade da cidade não conseguiu escapar. Nossos pensamentos parecem ser uma droga poderosa, os invasores não conseguem resistir.

sugou os pensamentos de meu pai. Parece ter sido sem intenção, por acidente. O invasor simplesmente olhou mais tempo do que devia e os pensamentos começaram a fluir. Foi horrível. Meu pai caiu duro. O invasor tremeu e se contorceu. Parecia estar tendo um surto de prazer, um orgasmo místico. Então a histeria começou.

Tivemos que fugir para as catacumbas. Metade da cidade não conseguiu escapar. Nossos pensamentos parecem ser uma droga poderosa, os invasores não conseguem resistir. Estão viciados. Mesmo o mais virtuoso

deles, seu líder, cedo ou tarde cederá ao desejo, à tentação demoníaca. Mais dia menos dia também ele cavará fundo nossos olhos. Talvez ele esteja fazendo exatamente isso agora. Talvez ele já esteja aqui, nas catacumbas, sugando meus pensamentos. Essa tontura, essa névoa. Essa minha indecisão. A desconfiança de que o mundo não me pertence mais. Meu antigo mundo. Dividido em hemisférios, agora sendo sugado.

No processo de esvaziamento eu reencontro meu pai. É um sonho. Ele vem até mim, eu o abraço, nós choramos. Minha memória começa a falhar. Eu pergunto: quando foi que isso começou, esse pavor do mundo cindido, esse medo do lado secreto da vida: a morte? No dia em que os humanos chegaram pra ficar, meu pai responde. Nesse dia nós começamos a compreender. Horrorizados. Eles nos olharam fixamente e nós começamos a entender que não são a mesma coisa o bem e o mal, o amor e o ódio.

Começamos a entender que não são a mesma coisa o dia e a noite.

Horrorizados.

A juventude e a velhice.

Começamos a entender, meu filho.

Não são a mesma coisa.



Invasão Retomada

Marcelo Bighetti

Aquele era um ano único para a humanidade, pois poucos são os eventos que tentam, de uma forma precária, unir o planeta, mesmo que seja por poucos momentos, como por exemplo as Olimpíadas. Em 2018, numa explosão de avanços científicos na área da medicina, foram descobertas as curas para diversos males que assolavam os humanos há muito tempo. Em menos de doze meses a síndrome de Down, mal de Parkinson e Alzheimer, câncer, AIDS — apenas para citar estes poucos — deixaram de existir. Só que a alegria por esta “vitória” durou pouco. Logo descobriu-se que as curas foram descobertas por *eles*.

Diferente do que se pensava, a adaptação aos humanos não ocorreu como nos espécimes que foram recolhidos anteriormente. De todas as milhões de consciências enviadas para a invasão, apenas duas conseguiram dominar o hospedeiro, as demais causaram danos aos mesmos. O primeiro foi o comandante Gihxy, mas ele desertou e quis por si mesmo dominar os próprios humanos. Ficou conhecido no planeta como Adolf Hitler, mas depois da morte do hospedeiro não há conhecimento de seu paradeiro. Foi o comandante-médico Tirz que, conseguindo dominar seu atual hospedeiro, desencadeou a retomada, o que para os humanos ficou denomi-

nado como a cura. Desde o início da tentativa de invasão, as consciências habitam a quinta geração de hospedeiros.

A tropa de dez milhões do Comandante Hyx, sofreu muito, pois os hospedeiros foram afetados por uma desordem progressiva dos movimentos motores, devido à disfunção dos neurônios secretores de dopamina nos gânglios da base, que controlam e ajustam a transmissão dos comandos conscientes vindos do córtex cerebral

Diferente do que se pensava, a adaptação aos humanos não ocorreu como nos espécimes que foram recolhidos anteriormente.

para os músculos do corpo humano. Não somente os neurônios dopaminérgicos estão envolvidos, mas outras estruturas produtoras de serotonina, noradrenalina e acetilcolina, estão envolvidos na falha para o controle do hospedeiro. Falha de procedimento conhecida pelos humanos como Mal de Parkinson

O Comandante R’hux, liderando uma tropa com trinta e seis milhões, teve uma perda de memória e severas perturbações neurocognitivas em seus hospedeiros. Parece que existem agregados de proteína beta-amilóide e emaranhados neurofibrilares, associados a mutações e consequente hiperfosforilação da proteína tau, no interior dos microtúbulos do citoesqueleto dos neurônios. Falha de procedimento conhecida pelos humanos como Mal de Alzheimer

A missão especial do Comandante Itroz, à frente de uma tropa com seis milhões, foi a de se hospedar nos embriões das fêmeas no momento da concepção, para desta forma poder ter um conhecimento completo da existência dos humanos. Os filhotes nasceram com palmar transversal única, dedos curtos, fissuras palpebrais oblíquas, ponte nasal achatada, língua protrusa, pescoço curto, pontos brancos nas íris, flexibilidade excessiva nas articulações, defeitos cardíacos congênitos, espaço

excessivo entre o hálux e o segundo dedo do pé. O pior problema nestes casos foi a deficiência mental e sérias anomalias afetando aleatoriamente qualquer sistema corporal. Outro detalhe é a microcefalia. A maioria dos casos o problema se deu devido a não-disjunção meiótica no gameta materno ou a não-disjunção no gameta paterno, ou seja, cada novo ser teve três cópias de todos os genes presentes no cromossomo 21. Falha de procedimento conhecida pelos humanos como Síndrome de Down

Os cinquenta milhões de hospedeiros abordados pelo Comandante Trihr, tiveram alguns de seus órgãos afetados por uma anomalia onde uma população de células crescia e se dividia sem respeitar os limites normais, invadindo e destruindo tecidos adjacentes, em muitos casos se espalhando para lugares distantes no corpo, através de metástase. Esta falha levou à morte quase todos os hospedeiros. Falha de procedi-

mento conhecida pelos humanos como Câncer.

A abordagem do Comandante Xhos foi diferente. Com sua tropa de trinta e cinco milhões, tomaram vírus como hospedeiros, na esperança que por este meio pudessem dominar por completo os hospedeiros humanos. Sem sucesso. Nesta empreitada, os es-

pécimes tiveram progressivamente reduzida a eficácia do sistema imunológico, deixando-os suscetíveis a infecções oportunistas e tumores. Falha de procedimento conhecida pelos humanos como AIDS.

Relatório sobre situação da invasão 567P12, terceiro planeta, exterior do segundo braço da ga-

laxia. Comandante Gyhar relatando. Relatório em atraso devido a imprevisibilidade à adaptação. Primeira fase completada com sucesso. Recomendação: enviar seis bilhões de consciências para finalizarmos a invasão.

Fim da transmissão.

*Relatório em atraso devido
a imprevisibilidade à adaptação.
Primeira fase completada com sucesso.*

NOTA DO AUTOR:

Há uns dez anos li um conto intitulado “Tentativa de Invasão”. Sei que era uma autora, mas não lembro seu nome. Provavelmente foi no site do CLFC (Clube de Leitores de Ficção Científica) ou no Somnium, mas também não tenho certeza. O conto fala de uma tentativa de invasão fracassada, onde todos os hospedeiros eram os que possuíam síndrome de Down. Nunca me esqueci daquele conto. Assim faço uma homenagem ao “Tentativa de Invasão”, que me inspirou a escrever “Invasão Retomada”. Quem sabe um dia eu descubra quem é a autora.

Todo o Silício do Mundo...

Gerson Lodi-Ribeiro

s veículos alienígenas se aproximam outra vez. No mergulho picado, a intenção clara de bombardear o terreno a meu redor com nova chuva de microbombas inteligentes.

No último ataque, meu interferidor pessoal conseguiu perturbar a programação dos processadores das bombas. Os microbólios passaram em voo rasante sobre a minha cabeça e se perderam atrás do horizonte. O solo estremeceu sob meus pés.

Segundos mais tarde ouvi os estrondos das três explosões distantes.

É claro que já me considero mais uma baixa desta guerra insensata.

Para minha surpresa, os feixes laser concentrados erram o alvo, rasgando duas fendas paralelas no chão, alguns metros à minha direita.

Os dois batedores se afastam em silêncio.

Fito os edifícios distantes, nebulosos sob o manto translúcido da poeira; um redemoinho levantado pelos rasantes das naves ligeiras.

Tenho certeza absoluta de que não conseguirei retornar ao nosso prédio natal.

Examino o panorama desolado à minha volta.

Nas últimas décadas o planalto se transformou em deserto. Ainda me lembro destes solos áridos como uma grande campina fértil e verdejante, com árvores esparsas, memórias de uma época anterior ao colapso do complexo ocidental.

A parede de areia vitrificada

de uma das fendas abertas pelos lasers inimigos desmorona, expondo a carcaça velha de um robô. Noto que as placas peitorais da armadura são bastante semelhantes às minhas. Talvez tenha sido fabricado no subsolo do nosso prédio, há vários milênios. Talvez até mesmo na própria Oficina 7, local onde despertei pela primeira vez para a consciência.

Não imaginamos na época que aquela primeira derrota marcaria o início da queda de nossa cultura planetária.

Quando as grandes espaçonaves alienígenas pousaram na planície litorânea há três séculos, imaginamos que, como nós, eles fossem representantes de uma cultura pacífica.

Apesar do vasto número de efetivos desembarcados já naquela primeira leva, sequer cogitamos a hipótese absurda de uma invasão. Se os alienígenas eram civilizados a ponto de construir naves interestelares, pareceu-nos lógico admitir que não fossem hostis.

De qualquer modo, uma suposta hostilidade não despertou maiores preocupações. Uma análise preliminar indicou que a nossa tecnologia era superior a dos recém-chegados. Imaginamos que essa superioridade por si só fosse capaz de garantir a nossa segurança contra qualquer forma de ataque.

Depositamos demasiada confiança nessa superioridade

tecnológica inegável.

Jamais imaginamos que, pela simples quantidade de efetivos, aquelas hordas intermináveis de robôs e veículos conscientes fossem capazes de sobrepujar os nossos sistemas defensivos sofisticados. Consideramos nossas barreiras eletrônicas inexpugnáveis, pois sabíamos que haviam sido articuladas pela interligação temporária das capacidades vastíssimas de programas-regentes; as inteligências quase oniscientes

cujos núcleos se distribuíam por vários complexos da América do Sul, e às quais confiamos há centenas de milênios os destinos da civilização e da Terra.

E então, primeiro sob a forma de boato descontraído, chegou a notícia surpreendente. O fato que fez nossa auto-confiança desmoronar: não obstante as perdas pesadíssimas que as nossas forças infligiram ao inimigo, os invasores haviam conseguido tomar um dos prédios do lado ocidental do Planalto Brasileiro.

Não imaginamos na época que aquela primeira derrota marcaria o início da queda de nossa cultura planetária.

Após o colapso daquele primeiro baluarte, os alienígenas desencadearam uma espécie de reação em cadeia. Absorveram nossa matriz tecnológica com rapidez e eficiência surpreendentes. Adotaram como seus os nossos princípios, copiando o nosso estilo de vida, reprogramando os sistemas de produção dos prédios

conquistados para fabricar milhões de novos invasores, todos imbuídos com o mesmo propósito incompreensível de pulverizar nossa civilização imutável há milênios.

Reduzidos a pontos negros, as duas naves de ataque desaparecem no horizonte.

Analiso as informações que o implante rastreador acaba de coletar dos destroços do tanque-anfíbio. Confirmando ser o único sobrevivente da nossa força-tarefa.

Surpreendo-me que nessa carcaça fumegante ainda existam sistemas operacionais dispostos a conversar com o meu rastreamento automático.

Mas não há tempo para dialogar com os resquícios do tanque.

Remunício a bazuca-laser com uma bateria energética carregada. Uma arma obsoleta, quase inútil diante do poder de fogo superior e da eficiência fria dos sistemas de direção de tiro instalados nos batedores alienígenas.

Mas é o que eu disponho.

Não há a mínima esperança.

Eles voltarão. Ao longo desses séculos de invasão extraterrestre e resistência orquestrada pelos programas-regentes, aprendemos, da maneira mais dolorosa, que os alienígenas pertencem a uma estirpe de predadores obstinados com o propósito de exterminar toda a vida orgânica da Terra, como já o haviam feito em dezenas de planetas de outros sistemas estelares. À semelhança dos ani-

mais predadores, não costumam abandonar uma presa ferida no meio da caçada.

Depois de séculos de conflito global contra os alienígenas, ainda não compreendíamos seus motivos. Por que aquela sanha para nos eliminar? Em pensar que em nosso primeiro contato os saudamos como iguais...

Mais um ou dois minutos, os batedores regressarão e estará tudo acabado.

Ajusto a lente ocular direita. A

Mesmo os invasores, originários de um aglomerado globular distante, não são orgânicos.

esquerda parou de funcionar desde que o míssil inimigo explodiu o nosso tanque. Examino o outro robô detalhadamente. Talvez se trate de um guerreiro abatido. O meu destino dentro em alguns minutos. Outra baixa, vítima não da fúria irracional dos invasores alienígenas, mas dos reveses de um conflito civil qualquer, uma guerra interprédios de uma era longínqua.

Observo o interior de um capacete rompido bastante semelhante ao meu. Por baixo da camada de circuitos para-orgânicos, não enxergo o plasma de silício conjugado esperado, mas antes uma estrutura bastante peculiar. Uma abóbada semi-esférica praticamente oca, composta por substâncias orgânicas complexas à base de cálcio, carbono e fósforo.

Quem retirou o plasma que compõe o cérebro robótico?

Consulto a área do banco de

memória na qual decidi armazenar há mais de um século, por mero capricho, um punhado de informações sobre paleozoologia. Uma quantidade imensa de dados inúteis, extraídos do substrato mais antigo e menos confiável da biblioteca do prédio.

Comparo a análise dos resíduos do robô com o conjunto de dados arcanos. Chego a uma conclusão incrível: a abóbada é constituída por tecido ósseo! Se não parecesse tão inverossímil,

eu ousaria afirmar que se trata do crânio de um animal orgânico... Não um simples holograma, mas um fóssil autêntico!

Quem sabe, o crânio não pertenceu a um ser humano?

A idéia traz à tona um mal-estar esquisito. Um crepitar estranho, como um formigamento suave mas desagradável nos meus núcleos de plasma cerebral, algo que eu nunca senti antes.

Ridículo. Criaturas orgânicas racionais são o fruto das imaginações brilhantes, mas mal orientadas, de uns poucos sábios do conjunto. Especulações inteligentes, é verdade, mas sem qualquer embasamento factual mais sólido que meia dúzia de lendas pré-históricas.

Mesmo os invasores, originários de um aglomerado globular distante, não são orgânicos. Caso o fossem, jamais conseguiriam utilizar as linhas de montagem e as instalações magníficas dos edifícios para proliferar continente adentro, como um vírus, capaz de infectar em pouquíssimo tempo

todos os programas de um sistema complexo.

Recupero o autocontrole e me esforço em observar o objeto à esquerda do capacete destruído. O braço do robô fóssil. A mão disforme emerge da parede em declive da fenda desmoronada, mantendo-se ereta numa posição grotesca. Possui uma aparência geral de fragilidade. As pastilhas antiquadas de microcircuitos recobrem uma superfície oblonga e polida, como que construída a partir de uma rede intrincada de ossos compridos, muito brancos...

Neste ponto, meus processadores heurísticos hesitam. O zumbido de alta frequência indo e vindo, num ritmo selvagem, intermitente. Atordoado, constato o desarme súbito de vários dos meus circuitos de amortecimento lógico mais sensíveis. Pressionados a se lançar num salto que os obrigaria a cruzar um precipício irracional de profundidade insondável, eles simplesmente se recusam a funcionar.

Inútil sequer cogitar prosseguir numa tese tão implausível.

Mão humana, constituída pelo amálgama de ossos e microcircuitos, cujo envoltório de músculo e tecidos a erosão biológica dissolveu há muito.

Carbono e silício, fundidos em

harmonia natural, perfeita...

Não me é mais possível resistir à tentação. Contrariando as diretrizes transcritas no meu programa básico pelo regente do prédio, concentro os meus recursos numa análise espectroscópica detalhada dos pontos escuros que salpicam indistintamente pastilhas de microcircuitos e tecidos ósseos.

Moléculas orgânicas complexas contendo átomos de ferro. *Hemoglobina*. Uma substância que, segundo a informação tomada à biblioteca do prédio, uma vez imersa num meio fluido adequado, liga-se facilmente ao oxigênio molecular, transportando-o aos tecidos celulares (*vivos!*) que dele necessitem.

Os pontos escuros não são outra coisa senão gotas de sangue ressecado. Sangue... É o fluido vital dos humanos! Ao menos, de acordo com a teoria que afirma terem sido os mestres lendários tão orgânicos quanto os animais.

Detecto a presença dos vultos no horizonte. Pequenas elipses, brilhando rubras ao sol da tarde, aumentando rapidamente. As naves estão prestes a desfechar um novo ataque.

Observo minha mão. O tra-

balho perfeito de plástico metalizado, revestindo as articulações de aparência delicada de um endoesqueleto fundido a partir de uma liga metálica de alta densidade molecular.

Até agora, era assim que eu me imaginava por dentro.

Meu conhecimento sobre a fisiologia robótica, como o dos outros cidadãos do conjunto, limitava-se às informações contidas na biblioteca de fabricação, fornecida pelo programa-regente.

Jamais houve um motivo forte o bastante, ou a curiosidade necessária, para contrariar o veto do regente ao exame direto das nossas funções e mecanismos internos.

Se ao menos eu pudesse transmitir as conclusões desta descoberta involuntária aos sábios do prédio... Seriam eles capazes de utilizar este conhecimento revolucionário em prol do esforço-de-guerra?

Talvez seja tarde demais. Para mim e para a civilização terrestre.

Observo outra vez o braço semi-enterrado. Mesmo sem querer, comparo-o aos meus.

Um pensamento extremamente inquietante me perturba o íntimo. Somos todos como essa carcaça vazia e sepultada sob o solo arenoso? É assim que nós robôs somos por dentro?

*Talvez seja tarde demais. Para mim
e para a civilização terrestre.*



© Grande Besouro

Gian Danton

Eu ligo a TV. A moça no telejornal nos diz para ficarmos calmos e exhibe seu sorriso cativante. É um sorriso tão verdadeiro quanto uma nota de três reais, mas ainda assim as pessoas acreditam. Ou fingem acreditar.

Eu olho à minha volta: o retrato na parede. Amigos de infância. A água escorrendo de nossos cabelos, o sol forte banhando a praia. Os livros na estante, um deles um presente de uma antiga namorada, a dedicatória desaparecendo na página amarelada. Uma antiga fotografia de minha mãe, a cor de seu vestido se esvanecendo. Um brinquedo antigo guardado há muitos anos, seu plástico quebradiço.

Olho para fora, pela janela: não há bicicletas nas ciclovias, não há pedestres nas calçadas. Os ônibus circulam vazios por ruas desertas. O frio de Curitiba talvez seja o motivo, mas acho que não. No fundo, as pessoas sabem.

Embora a moça da TV e seu sorriso de três reais nos digam para ficarmos calmos, todos sabem.

Tudo isso deixará de existir em breve. Em breve sobrá apenas a memória deste mundo, nada mais. Talvez nem mesmo a memória. Talvez a história nos varra da face da Terra a ponto de jamais desconfiarem que aqui estivemos.

E, no entanto, eu fui avisado, embora tenha me recusado a dar ouvidos.

Isso foi há quantos meses?

Dois? Três?

Na época eu precisava viajar toda semana para São Paulo e passava muito tempo na rodoviária. Gostava de chegar adiantado, comprar a passagem e sentar em uma das cadeiras para ler um livro. Era uma espécie de ritual ao qual eu me apegava semanalmente.

Gostava de locais isolados e costumava me levantar quando outras pessoas sentavam por perto. Assim, quase o fiz quando

Tudo isso deixará de existir em breve. Em breve sobrá apenas a memória deste mundo...

percebi que alguém ocupava o banco ao meu lado. Era um mendigo e o mau-cheiro exalava dele forte e insistentemente. Usava um amontoado de roupas, algumas de verão, outras de inverno, de forma totalmente caótica: camiseta sobre jaqueta, blusa de lã sobre camiseta. Ao redor do pescoço, um cachecol colorido quase tornado preto pela sujeira. Ele abriu a boca, sorrindo, e de seus dentes podres escapou um bafo pestilento, que me fez virar a cabeça.

Tentei levantar, mas ele me segurou pelo braço:

— Você precisa ouvir! Por que ninguém me ouve?

Ele me olhou nos olhos e percebi que não me largaria. Eu teria que me sentar e ouvi-lo. Quando fiz isso, ele largou o meu braço e tossiu:

— Ninguém me ouve. Eu sei porque ninguém me ouve. Eles manipulam as pessoas. Todos

estão sendo manipulados. Eu sou o único a perceber isso. É por isso que estou assim. Foi por isso que eles me fizeram perder o emprego, a esposa...

Ele tossiu e sorriu dentes estragados e carne podre.

— Nem sempre eu fui assim, moço. Nem sempre eu fui um mendigo fedido. Eu era uma pessoa normal... até descobrir a verdade... Ouça, estamos sendo invadidos. Eles estão nos preparando para a vinda do grande besouro. O grande besouro, ouviu? Estão usando aquilo ali.

O mendigo apontou um dedo sujo para a televisão na lanchonete da rodoviária. Lá dentro, a imagem de uma mulher tremia em tubos catódicos.

— Eles estão nos preparando, nos transformando em carneirinhos que seguem para o abate sem perguntar para onde estão indo. Eles fazem isso em todos os planetas-alvo. Depois invadem e retiram tudo que há de valioso no planeta. Os habitantes locais são transformados em escravos e colocados para trabalhar até a morte. São como gafanhotos. Por onde passam, destroem tudo. Depois deles, o caos. Não me pergunte como eu sei isso. Eu simplesmente sei. Um dia acordei e descobri o plano deles... e começou a minha ruína. Agora vivo assim. Eles enviam raios para me provocar dor de cabeça, fazem com que minha pele coce... querem me torturar, mas logo irão me matar. Escreva o que estou falando, eles vão me matar. De um jeito ou de outro, vão me

matar. E ninguém vai saber o que está acontecendo. Oh, meu Deus, que coceira...

Ele colocou a mão sob a roupa e começou a se coçar. Fez isso e levantou, para meu alívio. Parecia ter esquecido de mim. Eu o acompanhei com o olhar, temendo que ele voltasse, mas não fez isso. Continuou caminhando na direção da saída, preocupado apenas em coçar-se.

Mal colocou os pés na rua, foi

atropelado por um carro. Com o impacto, seu corpo pulou para cima do capô. O motorista parou e saiu do veículo, preocupado, mas já não havia muito o que fazer. O pobre coitado estava caído no chão, morto, as mãos sobre o corpo como se quisessem ainda coçar até o último suspiro.

Na época considerei que o mendigo era um louco, mas não demorou muito para que suas palavras fizessem sentido. Eles estão

entre nós e a moça da televisão nos olha com seu olhar tranquilizador.

Eu vou até a janela e olho para cima. A nave é imensa a ponto de colocar a maior parte de Curitiba sob a sombra. Dizem que há uma dessas sobre cada uma das grandes cidades do país.

Eu a observo e um calafrio percorre a minha espinha: ela tem o formato de um besouro!

*O pobre coitado estava caído
no chão, morto, as mãos sobre o corpo
como se quisessem ainda coçar
até o último suspiro.*



**O Dia em que Eles
Cansaram de Esperar**

Renato A. Azevedo

Aconteceu de repente, como nos filmes, sem aviso.

Na verdade, tivemos avisos. Subitamente todos os jornais, telejornais, rádio e Internet deram a notícia de que a comunidade astronômica havia descoberto um objeto vindo na direção do sistema solar interior.

Os cientistas inicialmente disseram que o asteróide, ou o que pensavam ser um, não rumava para a Terra. Mostraram-se surpresos somente com o fato de o corpo ser bastante reflexivo, o que dividiu a comunidade. Parte achava que era um asteróide composto em sua maior parte em metal, e outros pelo contrário diziam se tratar de um cometa. Aos que diziam que não apresentava cauda, e se movia rápido demais, afirmavam que era “alarmismo”.

Mas a coisa manobrou e veio diretamente para a Terra. Aumentando a velocidade, em questão de dois dias parou, a 15.000 quilômetros da Terra. E não era um asteróide.

Tratava-se de um cilindro, produzido com algum composto metálico que brilhava ao Sol. Quando estava sob a sombra da Terra era possível ver milhares de pontos luminosos em sua superfície. Janelas, algo que um asteróide não possui.

E o objeto tinha mais de 4 quilômetros de comprimento, por quase um de diâmetro. O mundo inteiro ficou em suspense, apavorado e em expectativa. Bolsas caíram, pessoas de índole fraca se suicidaram, malucos disseram que

o fim do mundo havia chegado...

Vinte objetos menores, cada um com mais de 300 metros de diâmetro e formato de disco, saíram do maior. E dirigiram-se para 20 cidades bem específicas. As capitais do G-20, o grupo de vinte países mais ricos do mundo.

As bolsas não haviam caído. Elas despencaram desde o dia em que aquela nave-mãe gigantesca mudara de direção e viera direto para nós. A economia mundial entrara em colapso apenas porque

As imagens, na absoluta maioria dos televisores da Terra, finalmente exibiram os visitantes.

uns alienígenas estacionaram perto da Terra. E agora, quando suas naves menores desciam para as capitais mais importantes do mundo, o número dos bilhões de dólares perdidos na crise só crescia.

Tudo transcorreu sem raios da morte, destruição em larga escala, interrupção de sistemas de energia ou comunicações, nada disso com que Hollywood enche seus filmes de invasão. Certos documentários dos canais especializados também vinham explorando essa vertente, mas todos mostraram-se completamente equivocados.

É evidente que alguns países enviaram seus caças, mas estes se limitaram a escoltar os colossos. Nada havia a ser feito diante de objetos voadores sobre os quais se poderia estacionar dois ou três dos maiores porta-aviões do mundo, e sempre tendo em vista a aterradora imagem da imensa nave-mãe

a vista de todos.

Mas a ditadura da Coréia do Norte pensou diferente. Seu regime psicopata lançou dois mísseis com ogivas nucleares contra Seul, onde uma das naves estava estacionada. Os alienígenas por sua vez enviaram naves menores ainda, também com formato de disco e medindo cerca de vinte metros de diâmetro, e que desintegraram os mísseis. A seguir, todas as bases militares da Coréia do Norte, bem como os palácios

da classe dirigente, foram dizimados e reduzidos

a pó pelas armas dos ETs. A seguir, as naves

começaram a transmitir, e a primeira imagem foi justamente de uma teleconferência de emergência, reunindo militares chineses e norte-coreanos.

Resumidamente, os chineses haviam ordenado que seu regime fantoche atacasse Seul, a fim de averiguar a reação alienígena. Finda a transmissão da mensagem, os alienígenas penetraram o espaço aéreo chinês nas proximidades da fronteira com a Coréia do Norte, e igualmente destruíram as bases militares mais próximas. Somente estas, e as razões ficaram claras no primeiro comunicado deles.

As imagens, na absoluta maioria dos televisores da Terra, finalmente exibiram os visitantes. Eram representantes de várias raças, a saber: um alienígena do tipo gray, ou cinza, um que exibia uma semelhança assustadora com os humanos, outro também de aparência humana, mas que pelas imagens era um gigante de mais

de três metros de altura, e um reptiliano com pele coberta de escamas. E foi o humano que falou, suas palavras sendo traduzidas para as línguas de todo o grupo G-20:

— Povo da Terra, em primeiro lugar, a partir de agora todo país que tentar uma agressão contra outro terá suas forças armadas e governo aniquilados por nossas forças. A conspiração que revelamos dos oficiais chineses com os da Coreia do Norte é uma amostra do que lamentavelmente temos acompanhado ao longo da história da Terra. Como não desejamos a desestabilização da China, somente suas forças nas proximidades da península coreana foram destruídas. Entretanto, no caso de novas tentativas de nos atingir, não teremos qualquer hesitação. Estivemos observando seu planeta, e apesar de avanços notáveis nas últimas décadas, percebemos que vocês prosseguem se explorando e matando continuamente. Líderes buscam se manter no poder inflando o ódio e a desavença entre seu próprio povo, políticos fazem promessas que nunca são cumpridas e se preocupam somente com poder e lucro. Os ricos se tornam mais ricos, vivendo vidas vazias de ostentação e futilidade. Enquanto isso, em vastas regiões da Terra, seres humanos morrem de fome ou padecem na miséria. Vastos contingentes de suas populações são mantidos, como disse certo personagem de sua história, a pão e circo. Apesar de observarmos

aqui e ali grupos que se guiam por elevados valores, de busca e divulgação do conhecimento, de criação artística e liderando iniciativas altruístas para auxiliar seus semelhantes, a vasta maioria permanece inerte, ignorante e acomodada, como gado sob a guarda de uma minúscula elite que detém o conhecimento mais valioso, o que inclui as provas de nossa existência.

O alienígena humano prosseguiu:

Mas os resultados se mostraram insatisfatórios devido a sua lentidão, e começamos a nos impacientar.

— Entretanto, as pessoas esclarecidas deste planeta foram impotentes para combater a maré da mediocridade que toma conta da sociedade. Mesmo que, incontrolados com suas desastrosas ações que se repetiam nos últimos anos, tenhamos nos afastado, continuávamos com nossas sondas captando e retransmitindo suas transmissões. E o que víamos era mais violência, mais futilidade, mais incentivo a mediocridade. Houve projetos, é verdade, como o levado a cabo pelo povo irmão dos cinzas. Eles realizavam o que vocês passaram a chamar de abduções, realizando modificações genéticas nos escolhidos a fim de que transmitissem características desejáveis, como maior intelecto e capacidades cerebrais, a seus descendentes. Mas os resultados se mostraram insatisfatórios devido a sua lentidão, e começamos a nos impacientar. Vocês nunca

estiveram sozinhos no Universo, mas saibam que planetas como a Terra, este paraíso que habitam e ao qual dão tão pouco valor, não são encontrados com tanta facilidade assim. É bem verdade que, a depender de muitos de nós, da comunidade dos mundos habitados, permaneceríamos ignorando vocês, até que decidissem parar de se comportar como crianças estúpidas, ou que se destruíssem. Não demoraria muito, e a Terra voltaria a ser um paraíso, quem

sabe para proveito de outras espécies necessitadas.

Mas decidimos aqui vir em nome daqueles que já se encontram prontos

para um convívio com outras espécies. Quem não estiver pronto, que trate de se adaptar. Não mais permitiremos que desperdicem este planeta.

Embaixadores das quatro raças foram despachados para conversar com todos os países, menos com a China como punição de suas ações. É evidente que cada nação tentava obter vantagens, mas logo se tornou claro que isso seria impossível. Os visitantes não intervinham diretamente na vida das pessoas, mas somente quando grupos procuravam impedir seus planos. O debate sobre a soberania da humanidade sobre a Terra era simplesmente ignorado. Thorrahn, o gigante que era embaixador annunaki para o Brasil, comentou a respeito na primeira coletiva de imprensa:

— No dizer de seus jovens, está me gozando? Vejam o que vocês fizeram com sua “sobera-

nia"! Agora mesmo em seu país se trava um debate sobre a conservação das florestas e recursos naturais. Em nome disso, grupos organizados defendem políticas que simplesmente jogarão milhares de pessoas na miséria. Vocês terráqueos são assim, também usando suas expressões, "ou oito ou oitenta". Nunca buscam o equilíbrio, sempre radicalizam tudo, e tentam calar a divergência!

— Embaixador, muitos estão divergindo a respeito de sua presença aqui — comentou um dos jornalistas.

— Apesar de suas palavras, o fato é que os senhores estão

interferindo com o natural desenvolvimento da raça humana.

— Prefere mesmo o "natural desenvolvimento" que havia antes, e que os levaria a extinção lenta após muito sofrimento?

Não houve réplica do repórter. Contudo, uma das pessoas presentes era a senadora Mariana da Silva, conhecida justamente por sua defesa do meio ambiente. Ela se aproximou da mesa onde os alienígenas se perfilavam, pedindo a palavra, mas assim que parou diante deles, virou-se para a audiência e abriu o casaco. Abaixo, havia uma bomba em um cinturão, ligada a um controle em sua mão. Ela disse:

— Não podemos permitir que corpos estranhos maculem a Terra! O dever de protegê-la é nosso, e devemos...

— Senadora, a senhora está fora de si — disse o embaixador gray, Zetahn. — Se puder

se acalmar, podemos conversar racionalmente a respeito.

— Não me curvo a invasores, e o povo brasileiro também não! O que faço, faço em nome de sua liberdade, e da defesa do verde! — gritou ela, acionando o comando enquanto todos gritavam.

A explosão aconteceu. Mas ninguém mais se feriu, nem houve o menor dano, pois Zetahn conteve a detonação com seus poderes psicocinéticos em uma esfera de dois metros de diâmetro. Quando

... a ciência que os visitantes lentamente apresentavam aos terráqueos resultava em uma revolução tecnológica...

o fogo desapareceu e a fumaça clareou, ele levou a esfera para o lado de fora e interrompeu suas energias mentais. Logo as imagens corriam o mundo, enquanto o gray voltava a mesa e dizia:

— São por atitudes como esta que estamos aqui. Em nome das pessoas que não concordam mais com dogmas, restrições ao debate racional e incentivo a mediocridade. Estamos aqui para ensinar, e trabalhar com vocês para que possam evoluir e se juntar a nós como iguais, como os irmãos que somos.

A única arma efetivamente utilizada pelos alienígenas acabou sendo as gravações que possuíam, obtidas de nossos próprios sistemas de comunicação. Não se incomodaram com protestos de invasão de privacidade e assemblhados, e assim ficaram disponíveis para quem quisesse ouvir e ler a intimidade dos poderosos. Mais de um deputado, senador,

ou congressista cassado por corrupção e desde então consultor de empresas privadas tiveram suas ligações perigosas e constrangedoras reveladas.

O Senado brasileiro aprovou um decreto legislativo que ordenava que a presidente declarasse guerra aos alienígenas, usando contra eles toda a capacidade de nossas forças armadas. Não somente a presidente ignorou solenemente a exigência, como os próprios militares, conscientes da

infinita superioridade dos visitantes, afirmaram que se manteriam concentrados em defender nossas

fronteiras contra inimigos externos. "Não há o que fazer a respeito, vejam o exemplo da Coréia do Norte, ou vocês querem passar um atestado de imbecilidade?"; perguntou um general do Alto Comando.

A maior parte da humanidade pareceu entender a mesma mensagem, com as exceções de praxe dos fanáticos de sempre. No Oriente Médio, grupos terroristas foram caçados e aniquilados antes que pudessem reagir. O governo israelense engoliu a advertência de que suas forças seriam exterminadas caso as colocassem em ação sem provocação, e elogiou a iniciativa alienígena de varrer com suas armas uma imensa concentração de um conhecido grupo armado libanês, matando inclusive seu líder, um sheik que anos antes enviara o próprio filho para se explodir em um atentado.

Em poucos meses a econo-

mia começava uma recuperação, a ciência que os visitantes lentamente apresentavam aos terráqueos resultava em uma revolução tecnológica, e as poucas vozes dissonantes que reclamavam pelo perdido livre arbítrio falavam mais e mais somente ao vento.

Quem produzia cultura buscando a excelência perdia o medo, e as vozes contra os médios privilegiados aumentavam de tom. Os anteriormente donos da audiência em todas as artes tinham seu monopólio desafiado, e a ciência apresentada pelos alienígenas levou a uma busca de conhecimento que apesar dos protestos dos que preferiam a mediocridade começava a deixar para trás o deplorável “cheguei lá sem estudo”.

Porém, uma série de atentados ao redor do mundo comprovou que a paz, mesmo forçada, continuaria a ser desafiada. Os visitantes não tinham qualquer ilusão de que conseguiriam em pouco tempo mudar a cultura da violência de alguns. Mensagens dos conspiradores passaram a correr de mão em mão, e guerrilhas patrocinadas pelos insatisfeitos, políticos e banqueiros corruptos, líderes religiosos fanáticos, celebridades medíocres, ativistas radicais e nações párias se espalharam por todos os países.

Forças legalistas da Terra se uniram aos alienígenas para contra-atacar, mas apesar dos benefícios inegáveis a quem desejava viver em paz e bem longe da ignorância e mediocridade, a

batalha se configurava bem longa, suja e inglória.

— Qual é, Zanin, já sabemos de tudo isso!

José Ribamar Neto, líder da resistência aos ETs no sudeste brasileiro, olhou desconfiado para René Zanin. Este, antes da invasão, era um dos mais conhecidos ufólogos do país, e terminava de apresentar um resumo do que haviam sido os últimos três anos da humanidade sob o jugo extraterrestre.

Porém, uma série de atentados ao redor do mundo comprovou que a paz... continuaria a ser desafiada.

— É que gostaria, caro Neto, — respondeu René com um sorriso irônico — de deixar bem claro contra o quê você e seus combatentes estão se insurgindo. Não se trata mais de bradar contra o Código Florestal (parecendo crer que comida nascia nas gôndolas dos supermercados, aliás), a favor dos direitos de minorias, contra o capitalismo ou a favor do consumo de alguma porcaria que vocês gostam de fumar, cheirar ou enfiar onde queiram.

Olhou para as pessoas que acompanhavam cada palavra sua, reconhecendo integrantes de cada um dos grupos cujas reivindicações descrevera, e prosseguiu:

— Pessoal, a Coréia do Norte acabou! Tinham um exército monstro, armas nucleares, um corpo dirigente muito bem encastelado... PUF! Bastaram algumas naves alienígenas de pequeno porte, e aquele país foi mandado

para o lixo da História! Os países vizinhos estão ajudando sua população, agora. Cuba? Virou pária até o povo se revoltar, o regime usar de violência, e os extras fazerem a mesma coisa. A China, que segundo analistas seria a potência deste século, está acuada! Todo dia alguma alta autoridade extraterrestre dá declarações de que, já que eles são signatários da Carta de Direitos Humanos das Nações Unidas, precisam cumpri-la. O que, aliás, tem deixado até países como Estados Unidos e Brasil com a pulga atrás da orelha!

— A Mariana morreu para nos avisar contra esses invasores! A Terra é nossa, não deles! — berrou uma moça jovem no meio da plateia. O grupo em que estava usava grandes crucifixos no peito.

— E o que você quer que façamos, querida? — perguntou René. — Vocês têm armas aqui, muito bem. E os ETs têm campos de força, e armas que fazem as suas parecer estilingues.

René parou um pouco, encarrando a moça. Aproximou-se dela, abrindo espaço entre os presentes, e olhando fundo em seus olhos, disse:

— Vocês não leem? As pesquisas de opinião dizem que a maioria reconhece que os extraterrestres interferem, mas ao mesmo tempo estão contentes pela violência diminuindo, a prisão de corruptos, os medíocres desaparecendo... No fim, pode ser que eles tivessem mesmo razão: não tínhamos maturidade para

explorar devidamente nossa liberdade.

— Zanin, de que lado você está, afinal? — perguntou Neto. — Da humanidade, ou deles? Nossa luta tem sido difícil, claro que reconhecemos isso. Os malditos sempre parecem estar um passo a frente, principalmente desde que matamos alguns de sua laia no atentado na Avenida Paulista no mês passado.

— Ah, foram vocês? — René se virou e voltou a encarar Neto.

— Tenho que dizer, aquilo foi um feito e tanto. E com toda a segurança deles, parabéns a vocês. Mas claro, a caçada contra vocês só aumentou.

— Se lamenta isso, por que está aqui conosco, René? Eu te conheço faz tempo, trocamos e-mails na época da abertura dos documentos ufológicos do governo, e sempre achei que não concordava com esses invasores.

— E não concordo. Mas minha maior discordância é contra vocês e seus métodos. Pessoas inocentes morrem, como aconteceu na Paulista, aliás.

— Colaboracionistas não merecem piedade. — disse Neto, reforçando o coro de seus comandados. René voltou a se aproximar da jovem, enquanto respondia ao líder da milícia:

— Imagino que exista um lado de vingança pessoal, afinal seu pai foi um dos primeiros políticos a cair depois das revelações deles.

— Pode apostar que sim! — rosnou Neto. — Agora diga o que quer, e suma!

— Quero que passem a atuar com mais inteligência. Se a população está feliz, combater os aliens precisa ser feito com racionalidade, não força.

O coro que se seguiu, “a Terra é nossa”, “fora invasores”, “Terra para os terráqueos”, e “morte aos ETs”, era resposta suficiente, mas Neto reforçou:

— Você falou tanto de ouvir o povo, e eu tenho que seguir o meu.

— Lamento que seja assim — respondeu René. — E lamento

Alguns membros da milícia se renderam de imediato, e entre estes houve aqueles que foram baleados...

que foram burros o suficiente para descobrir que eu trazia um celular ligado.

Subitamente, dezenas de alienígenas fortemente armados, a maioria sendo os temíveis annunaki de três metros de altura, surgiram do nada e cercaram o grupo. René estendeu a mão para a moça e disse:

— Venha comigo se quiser viver, Maria.

— Como sabe meu nome?

Um gray teleportou-se para o lado de René, envolvendo ele e a moça em um campo de força. Alguns membros da milícia se renderam de imediato, e entre estes houve aqueles que foram baleados pelos próprios companheiros, aos gritos de “traidor”. Boa parte, incluindo o próprio Neto, empunharam suas armas e resistiram enquanto puderam. Destes foram poucos os sobreviventes.

A repercussão do ocorrido na

imprensa foi grande, mas o nome de René Zanin não apareceu. Colaborador de primeira hora dos alienígenas lamentava pelas mortes, e disse isso a Mahlq, o alienígena cinza que o ajudara:

— Você ouviu, tentei chamá-los a razão.

— Contra o fanatismo há pouco o que se possa fazer. Mesmo nós por vezes somos impotentes, como você bem sabe.

— Poderiam limitar o uso de força letal.

— Sabe como são esses gigantes, sempre belicosos.

Por cima, lembro de você, René, em outras ações semelhantes, recomen-

dar precisamente o uso de força letal, após a apresentação de uma chance de se renderem.

— Talvez eu tenha mudado, Mahlq. Até outra hora, preciso descansar.

— E a moça?

René se virou para Maria, sentada em uma calçada próxima. A base da milícia era em um bairro da periferia tomado por prédios desgastados pelo tempo. Voltou-se para o gray, e respondeu:

— Ela é nova, merece uma chance.

Mahlq consentiu, e foi reunir-se com os companheiros. René pegou a mão de Maria, que era morena e tinha olhos castanhos profundos e tristes, e a levou até seu carro. Entraram, e ele dirigiu através da cidade.

— Você não respondeu, como sabe meu nome?

— Você escuta vozes, não é, Maria? Vozes em sua cabeça?

Ela olhou para ele estupefata. Zanin prosseguiu:

— Seus pais deviam contar histórias de luzes e visitas noturnas... sim, Maria, tal qual meus pais, os seus também foram abduzidos, e o resultado somos nós, seres humanos mais evoluídos e com capacidades especiais.

A moça ficou trêmula, e começou a fazer perguntas uma após a outra. René simplesmente disse que logo seriam respondidas.

Depois de uma hora chegou a um bairro simples da zona sul de São Paulo, e parou diante de uma casa onde os dois entraram. Zanin

trancou a porta e eles prosseguiram por um corredor, depois entraram por outra porta que deu acesso a uma escada.

Eles desceram, chegando a um porão fracamente iluminado, onde ao menos outras quinze pessoas estavam reunidas. Maria sentiu as vozes em sua cabeça, e soube na hora que todos ali eram também o resultado das experiências alienígenas.

— Sim, Maria, todos somos iguais, produto dos ETs.

— E para quê esta reunião? Por que me trouxe aqui?

— Porque somos nós a verda-

deira resistência contra os invasores — respondeu uma outra voz a suas costas. Maria virou-se, e deu com a imagem de uma bela moça ruiva que não vira antes e se apresentou como Diana. Parecia um fantasma, e quando olhou ao redor, reparou que havia outros, muitos outros, e que o porão havia sumido.

Unidos telepaticamente, eles se revelaram. Centenas de milhares por todo o mundo.

— A verdadeira resistência começa agora — disse René.

Eles desceram, chegando a um porão fracamente iluminado, onde ao menos outras quinze pessoas estavam reunidas.

ELA TEM UM PODER
INCRÍVEL. DE QUATRO
EM QUATRO ANOS,
CONSEGUE DOMINAR
O PLANETA!



VAMOS PROCURAR
OUTRO PLANETA.
ESTE JÁ ERA!



QUE LEGAL! VOCÊS
TAMBÉM USAM
QUATRO ÔLHO!



JUSKA

JUSKA



Perdição
Claudio Parreira

Qu vi quando eles chegaram: passava pouco da meia-noite, céu claro e estrelado.

Aquele tinha sido um dia inútil pra mim: nenhum negócio, nenhum carro, nenhuma graninha no meu bolso. Aquela nave, portanto, ia livrar a minha cara.

Os *aliens* desceram todos em fila; uns verdes, outros vermelhos, outros tantos coloridos. Havia também uns monstros estranhos, que eu não sei descrever aqui. Era uma invasão, sem dúvida — mas eu não estava nem aí. Precisava mesmo é faturar.

Quando os telejornais começaram a noticiar em edição extraordinária que São Paulo estava dominada, eu saquei que era a minha hora: saí no escuro mesmo, guiado pela luz que vinha do tal disco voador.

Os ET's, ocupados que estavam em dominar a cidade (será que o mundo viria em seguida,

como nos filmes?), vacilaram grandão e deixaram a nave desprotegida. Subi de boa e me deparei com uma coisa loka: luzes pra todo lado, botões, uma tela imensa de LED ou algo parecido. E, pra minha felicidade, ninguém lá dentro.

Aquela nave, cheia de modernidades, com certeza renderia um puta dinheiro no Paraguai. Ou mesmo nos *States*, que lá eles gostam de coisas assim.

Sentei, portanto, num treco parecido com uma cadeira e fiquei olhando pro painel à minha frente: não se parecia com nada que eu tinha visto até então.

Tirar aquele negócio do chão é que seria o verdadeiro nó. Mas eu, que sou formado, frequentei academia, conheço geografia e sei até multiplicar, não me apertei: bastava cutucar aqueles botões. Um deles ligaria a máquina.

Uma hora dessas os ET's já devem ter dominado São Paulo, o Brasil, talvez até mesmo o mundo. Mas isso não é da minha conta — tenho outras preocupações.

Essa porra de nave voa rápido pra caralho, e na tela de LED vejo estrelas, estrelas e mais estrelas. Pareço mesmo estar dentro de um episódio de *Jornada nas Estrelas*.

O problema é que não sou nenhum capitão Kirk e não conheço lhufas de viagens espaciais. Sou apenas um ladrão de carros. Ou era, já nem sei mais.

Os *aliens* invadiram a minha cidade e eu invadi o espaço deles. A diferença é que eles sabem dirigir isso aqui. Posso ir, acho, pra qualquer lugar do universo, mas quem tá me conduzindo é a nave. Sou apenas um perdidão no espaço, admito — nada além disso.

Os ET's, ocupados que estavam em dominar a cidade, vacilaram grandão e deixaram a nave desprotegida.



Infiltrado

Roberto de Souza Causo

Seu carro pára, à meia-noite na estrada deserta. Há uma casa... Você sabe que é a casa, apesar de seu corpo estar se deteriorando tão rápido que você desconfia de seus sentidos. O 302 V8 do Maverick morre, levando consigo aquela saudável energia de cavalos-vapor de que você tanto necessita. Você tem que sair, abre a porta e salta, deixando no volante uma massa de pele escamosa azul — que some meio segundo após o contato com o ar frio.

Frio de uma noite de junho, que espanta parte da pouca energia que lhe resta. Agora seu corpo está insensível, como se todos os músculos estivessem dormentes, mas você o força a caminhar. Sente os passos apenas como choques transmitidos pelos ossos. Cambaleia.

Alcança a porta e a chave girada na fechadura escapa de seus dedos e talha a pele. Abre um buraco na palma da mão, que, surpreendentemente, arde. A insensibilidade cede à dor. Mais surpresas. Tudo dando errado, você pensa, enquanto entra finalmente. Seu corpo deveria decompor-se apenas após a morte, rápido o bastante para que nenhum deles pudesse dissecá-lo e descobrir os segredos de sua construção, tornando-os incapazes de extrapolar qualquer técnica de restos tão etéreos quanto átomos de hélio. Mas você ainda está vivo, e pode sentir seu corpo putrefato arder em todas as partes onde a pele já caiu e a carne nua toca o tecido

das roupas, enquanto você o obriga a subir as escadas. Não devia arder, não devia doer, e à metade do caminho chega a surpresa mais dura, na forma da dor dos órgãos se desmanchando enquanto vivos, dor que retorna no tempo de uma pulsação retardada dez vezes, fazendo-o gemer pela primeira vez.

Você quase despenca pelos degraus e se agarra ao corrimão. A madeira fria e morta não lhe transmite energia alguma. A

Os efeitos do revitalizador são imprevisíveis no organismo dela, e, de qualquer maneira... ela será morta...

noite gélida ainda o agride através das janelas arreventadas pelos vândalos. Você poderia tentar arrancar alguma energia de uma torradeira ou liquidificador, mas não há nada disso por aqui, e ainda que algo funcionasse no ponto de encontro disfarçado de casa abandonada, seria como tentar matar a sede de um naufrago com gotas de orvalho. Lá em cima... lá o espera o revitalizador, a única solução, o seguro contra aquela possibilidade ínfima, daquele diminuto gene artisticamente implantado para comandar a decomposição do corpo ser agredido em sua delicadeza pela radioatividade residual da Terra e alterar suas ordens, fazendo você apodrecer até a morte.

Um som de pneus queimando no asfalto em uma freada brusca, e você pode mesmo ver o Opala preto parado em frente à casa e os três homens saltando e correndo, em passos que soam agora (estra-

nho que seus sentidos funcionem tão bem) dez vezes mais largos que os que você usa para atingir o patamar.

Você se atira contra a porta de um dos quartos, ansioso pelo revitalizador, salivando como um homem perdido no deserto que finalmente descobre um oásis. Nesse exato momento os homens entram pela porta que escancaram com as botas, e engatilham suas pistolas e a submetralhadora. Porém você não os teme enquanto

gira a maçaneta e mais uma vez se joga, então contra o canto conhecido onde está o revitalizador.

Abraça-se a ele, grita diante do choque contra o metal frio que o fere ainda mais. Está vazio. Esgotado. Você se ergue com um salto de desespero e grita mais uma vez. É o bastante para fazer seus perseguidores hesitarem, mas não lhe traz respostas. Então, olhando em torno lá está, uma mendiga, a julgar pelos trajes — mas não pela aparência, que rejuvenesce, aviva, robustece. Teria entrado por uma das janelas quebradas, em busca de abrigo, chegado, quem sabe, cinco, dois minutos antes de você, selando o destino do seu corpo? Não importa, e você não se zanga. Os efeitos do revitalizador são imprevisíveis no organismo dela, e, de qualquer maneira, como você também ela será morta assim que os perseguidores entrarem no quarto.

Sua última chance está no portal, no quarto anexo, e, apesar da decomposição que agride seus

nervos com uma dor cada vez mais insistente, você sabe disso com uma clareza absoluta. Sua mente — *você* — não depende do corpo moldado exceto para a locomoção. Na verdade você está naquela cápsula esférica no centro da cabeça, invulnerável à tecnologia terrestre, esperando apenas que um outro infiltrado a recupere e acesse os dados contidos nela. E você tem os dados mais importantes. Apesar do seu estado, você tem que conseguir atravessar o portal.

Dá o primeiro passo e a dor vem mais forte do que nunca. Você só se mantém em pé por um esforço de vontade, porque sua mente está intacta e protegida, lúcida, registrando o ruído dos passos no patamar e da respiração ofegante do inimigo.

Cambaleando você adentra ao outro quarto. Esbarra num móvel e agarra-se a ele. Olha para trás e vê a mendiga que agora é uma beleza fitando-o com olhos assustados e simultaneamente embevecidos com a energia que flui através dela e que em breve explodirá seu coração. Mas você também

vê os homens irromperem pelo cômodo, as armas em posição e os olhos ágeis como os de animais avaliando tudo.

Você se vira num último esforço coroadado por uma fanfarra de explosões e pelo grito derradeiro da mulher, enquanto seu corpo é espancado por punhos invisíveis, no instante exato em que você contempla o porta bem à sua frente, disfarçado num espelho alto de moldura pesada de metal, esperando por você, tão perto e tão longe, à distância de um passo para um corpo morto.

O corpo que você usou em suas missões está agora definitivamente morto. Sabendo disso o gene atrapalhado aciona o seu comando, numa espécie de efeito retroativo que o transforma em pó unido por plasma celular e ainda em pé — mas está tudo acabado você pensa.

E no instante seguinte está atravessando o portal — só você, em sua cápsula invulnerável, que, você suspeita, foi miraculosamente atingida em cheio por um daqueles projéteis de 9 milímetros que cruzam o quarto a 400 metros

por segundo, e que o penetrou pela nuca, num impacto forte o bastante para expulsá-lo através do crânio e pela boca que se desmancha em dentes estilhaçantes e nacos de carne seca que voam pelo ar e terminam grudados no campo transmissor seletivo do portal-espelho.

Agora você quica e rola no piso da plataforma receptora, tão longe da Terra que nenhum terrestre poderia suspeitar, enquanto um dos seus fecha o portal, mantendo-o apenas como um campo polarizado, pelo qual você olha, após ligar os sensores visuais da esfera. Lá, do outro lado do espelho, os perseguidores se atropelam e pisoteiam o corpo moldado, que agora é um colchão de poeira que se espalha e ossos que estalam como gravetos secos, voando em lascas que se dissolvem no ar.

Você, enfim, está em paz, no momento em que o apanham do chão e o levam para acessar suas valiosas informações. Você cumpriu sua missão, a mais importante de todas.

A invasão pode começar.

O corpo que você usou em suas missões está agora definitivamente morto.



© Hóspede

Flávia Muniz

Apenas imagine, por um segundo, que o Mal seja uma presença infiltrada entre nós, aguardando o ponto certo e o momento exato para invadir e devastar cada pobre alma que lhe dê acolhida...

1

— Papai!

O grito veio do quarto que ficava no fundo do corredor. Ele captou o tom angustiado na voz da filha, entretanto não lhe deu atenção. Estava assistindo ao futebol na TV, uma partida decisiva do campeonato. E detestava ser incomodado.

— Que merda! Não posso nem...

Sua imprecação foi interrompida por grito mais alto, estridente, seguido por um barulho de vidros se partindo.

— Mas o que é que está acontecen...

Ele levantou-se imediatamente e pôs o dedo sob os lábios, pedindo silêncio à esposa que surgira pela porta da cozinha.

— Vou ver o que há de errado no quarto da Pam — ele sussurrou ao passar por ela.

Não tinha arma em casa. Fora proibido pela esposa de manter uma, por receio de o filho caçula fazer uma bobagem qualquer, causar uma tragédia. E agora? Como iria enfrentar o desconhecido? A janela do quarto da garota dava para o quintal da casa, muro alto, mas baixo o bastante para

ser pulado por malandros mal-intencionados. O que faria, caso tivessem invadido a casa?

Viviam em uma cidade violenta, todos aqueles crimes horríveis ocorrendo diariamente... maníacos sexuais, psicopatas, pedófilos, drogados, assassinos miseráveis, todo o tipo de gente perversa e estranha solta pelas ruas, espreitando, esgueirando-se na escuridão feito vampiros em busca da vítima incauta, dispostos a saltar sobre você no exato segundo de um

Arrastou-se silenciosamente pelo corredor, carregando com esforço o corpanzil com os cento e trinta quilos de banha...

pestando. Bastava olhar nos olhos das pessoas para sentir o *medo*.

Estava farto de tudo aquilo! De seu trabalho, da falta de grana, de sua vida pobre e condenada, das reclamações da mulher, da cobrança do chefe e dos adolescentes idiotas que viviam rondando sua garotinha.

Arrastou-se silenciosamente pelo corredor, carregando com esforço o corpanzil com os cento e trinta quilos de banha, responsáveis pelo excesso de colesterol apontado em recente exame de sangue realizado havia alguns dias. *Se tivesse sorte, morreria em breve.*

O gosto amargo da cerveja subiu por sua garganta, mas ele travou o arrotto com uma careta. Não podia fazer nenhum ruído. Algo o fazia ser cauteloso, talvez uma espécie de intuição. Adiantou-se, contrariado, levando como defesa o rodo de madeira que encontrara do lado de fora da porta

do banheiro. Um simples pedaço de madeira! Não era forte o bastante para arrebentar o crânio de alguém. Parou na porta do quarto da filha e escutou com atenção.

Não havia som algum.

— Pamela? — ele chamou baixinho.

Não houve resposta. Adiantou-se um passo, o coração batendo depressa no peito. Teria de enfrentar o que quer que fosse com um cabo de uma merda de vassoura? A imbecil da sua esposa não se preocupava com essa possibilidade.

Agora lá estava ele, arriscando o próprio rabo, completamente indefeso para proteger quem quer que fosse!

Ele forçou a maçaneta e empurrou. A porta estava trancada. Em sua testa brotaram pingos de suor. Ele pressentia um perigo qualquer, podia sentir a má energia do momento, assim como os animais pressentem as tempestades.

— Pamela, abra esta porta! — ele ordenou, a voz um tanto alterada.

— Papai... — ele a ouviu gemer.

Recuou uns passos e investiu contra a porta, o ombro ossudo e musculoso batendo na madeira de segunda, dura o bastante para fazê-lo sentir dor. Uma vez. Duas. Na terceira investida, a raiva tomou conta de seu cérebro e a pancada foi suficiente para arrebentar o trinco e a porta se abriu, escancarando-se para dentro.

Sua filha estava agachada,

encolhida no canto oposto da parede, cobrindo o corpo seminu com uma toalha. Ela parecia muito assustada, estava trêmula, e apontava para a janela parcialmente destruída. Sussurrou que algo a espreitava pela janela, e havia tentado entrar.

— Pam, o que está acontecendo aqui? — ele perguntou-lhe, sem tirar os olhos da janela.

— Eu não sei! Alguém estava me espiando, alguma coisa. Tinha... era medonho! Está lá fora!

— Quem quebrou o vidro? — ele insistiu, limpando o suor com o dorso do braço.

— F-fui eu! Fiquei com medo e atirei o perfume nele.

— *Nele?* — repetiu, aproximando-se da janela. — Então... era um rapaz?

— Não! Era... era um rosto horrível, tinha olhos vermelhos... *parecia um... demônio!*

— Ora, Pamela, não diga asneira! Na certa, algum garoto maluco com uma máscara de monstro quis pregar uma peça em você. Vou dar uma espiada lá fora e fechar a veneziana. Quantas vezes disse que não quero que você se troque com a janela aberta?

Apoiou o rodo na parede e começou a levantar a vidraça, quando um súbito movimento no quintal chamou-lhe a atenção.

— *Quem está aí?* — gritou para a escuridão.

— Pai, não vá até lá fora...

— Fique quieta, menina. Vou mostrar a ele quem é que manda na casa. — e girou os fechos para o

lado, levantando a vidraça. Colocou a cabeça para fora e disse, bem alto — Muito bem, seus moleques vadios, podem dar o fora do meu quintal, porque eu já chamei a policia....

Mas não foi capaz de terminar a frase. Algo o agarrou pelo pescoço, arrastando-o para fora, meio corpo além da janela, como se ele fosse uma pequena trouxa de roupas. Algo ou alguém muito forte, com garras poderosas, capazes de dominar um homem

*Quando se voltou para ela,
sua fisionomia havia se alterado por completo.
Exibia um sorriso demoníaco...*

daquele porte.

— Papai!

Ela pretendia ajudá-lo, mas não sabia ao certo o que fazer. Saltou por sobre a cama e puxou-o pelos pés. Ele tremia, seu corpo foi tomado por convulsões violentas e vibrava como se estivesse sendo triturado em um liquidificador gigante. Estava escuro lá fora, mas ela sabia que o demônio havia agarrado seu pai. Ela gritou o mais que pode.

— *Mãe! Chame a polícia!*

Ela, que ouvira toda a gritaria, agora estava na sala, tentando teclar o número correto. Tremia e chorava, nervosa, acuada, sem saber o que fazer, arrependida, se tivesse uma arma, rezando para que a ligação se completasse com rapidez. A movimentação no quarto se tornara maior, com sons de objetos se quebrando, móveis sendo arrastados, gritos e ruídos estranhos, animais...

— Polícia militar, boa noite!

— Por favor! Ajude-me!

— Pois não, senhora! Pode falar.

— Ele vai nos matar!

— *Quem está falando? Senhora?*

— Oh, meu Deus!

— *Diga seu nome e endereço, senhora! Alô! Alô!*

Ele estava caído no chão do quarto, enjoado e tonto, com uma sensação desagradável no corpo. Levantou-se, devagar, sentindo o gosto amargo de bílis passear alegremente em sua garganta, provocando-lhe náuseas e tremores.

Tinha o batimento cardíaco alterado, e uma forte dor nas têmporas. Respirava com dificuldade, desconfiado de que havia partido algumas costelas. Sua mente vagava entre a lucidez e a loucura, no sedutor limite da irrealidade. Sentia-se diferente, estranhamente poderoso, com vontades esquisitas. Sentia-se capaz de realizar tudo o que sempre desejara.

— *Papai!* — sua filha o chamou, soluçando. — *Você está bem?*

Sim, ele ia responder, mas foi então que algo explodiu em seu cérebro. Suas emoções se embaraalharam e ele não tinha mais tanta certeza do que dizer ou pensar. Ficou ali, atordoado e ofegante, tentando atender ao apelo das emoções. Quando se voltou para ela, sua fisionomia havia se alterado por completo. Exibia um sorriso demoníaco, o ódio infiltrando-se em suas palavras enquanto se punha em pé, com certa

agilidade.

— *Viu só o que fez, sua vadia!* — sussurrou entre dentes, com uma voz que não se parecia com a dele. — Fica passeando nua pela casa, atraindo os olhares dos homens...

— Eu não fiz nada, pai. Estava indo pro banho!

Ele a esbofeteou. O tapa violento a fez cair no chão.

— *Mãe!* — ela gritou, completamente apavorada.

— Cale a boca, sua cadela!

Sei bem o que você anda fazendo por aí, bem embaixo do meu nariz! Vou lhe ensinar boas maneiras...

— *Pai, não me bata, por favor!*

Ele não a ouvia. Seus olhos já não eram os mesmos, pareciam ter se transformado em olhos de um bicho feroz, acuado, disposto a lutar até a morte. Aterrorizada, Pamela tentou passar por ele e fugir, mas foi agarrada pelo cabelo e atirada com força sobre a cama. Ele chutou a porta, fechou a veneziana com um gesto brusco, pisando sobre os cacos de vidro no chão como se eles nem existissem.

— Agora você vai aprender a se comportar! — e agarrou o rodo, quebrou-o em dois com uma pancada seca e avançou para ela.

2

O telefone tocou de modo insistente na mesa número 7.

— Alô! — respondeu uma voz rouca.

— Temos um novo problema.

— Onde?

— Bairro de classe média, zona sul.

— Quantas vítimas?

— Quatro. Duas mulheres, um homem, uma criança. Caucasia-nos. Uma família inteira.

— Qual é o código da ocorrência?

— Um silêncio incômodo antecipou-se à resposta.

— Zero-zero. Infelizmente...

— Pistas?

— Ah... ainda estamos verificando.

Ele não a ouvia. Seus olhos já não eram os mesmos, pareciam ter se transformado em olhos de um bicho feroz...

— Ok. — disse a voz, após um momento. Já vou pra aí. O endereço?

— Já passei. Hã... só uma pergunta. O senhor já jantou?

— Ainda não.

— Pois vai perder o apetite.

As viaturas estavam paradas diante da residência, formando um cordão de isolamento invisível, as luzes piscando indiscretas na escuridão na noite. Pequenos grupos de pessoas curiosas se amontoavam aqui e ali.

— Olá, PG, que prazer em vê-lo! - disse o colega policial, com ironia.

— No meu caso, é um desprazer - retrucou PG, à queimadura. — Qual é a situação?

O policial encostou o corpo no carro e meneou a cabeça, desanimado.

— Mais um *daqueles*. O mesmo quadro, circunstâncias e

desenho...

PG olhou-o, curioso.

— Tudo indica que uma das vítimas era o próprio assassino.

— Também morreu de infarto?

— Parece que sim. Temos de aguardar o laudo, mas o corpo se encontra no mesmo estado dos demais.

— Estranho... — PG deixou o comentário escapar.

— Sabe o que mais me intriga nisso tudo? — ele continuou —

Por que os caras normais, que levam uma vida nor-

mal, podem ficar malucos de uma

hora pra outra e sair matando quem estiver na frente? Eu não...

— Muita violência ou o trivial das ruas? — interrompeu-o PG, sem dar-lhe ouvidos.

— Essa é uma boa pergunta...

Por que não tira suas próprias conclusões? — o outro respondeu, irritado. — É melhor você encontrar uma explicação pra isso. Os casos estão se acumulando em sua mesa... — finalizou, deixando-o só diante da casa iluminada.

PG precisou se controlar para não responder como gostaria. Na verdade, desejava enfiar uns bons tabefes na cara do colega de trabalho, socá-lo no monte de lixo ali ao lado e deixá-lo lá, desmontado, para ser levado pelo caminhão, de preferência, com uns dentes a menos na boca atrevida.

— Obrigado por me lembrar — respondeu, simplesmente.

— *Até o próximo!* — ele disse afastando-se, com um sorriso zombeteiro.

A casa estava na mais completa desordem. Móveis quebrados, objetos destruídos, sangue pelas portas e paredes. PG caminhou pelo cenário de horror, desviando-se dos outros policiais que faziam o trabalho técnico, observando cadáveres. A mulher, branca, de uns 40 anos, estava caída próximo à janela. Agarrara-se na cortina e esta despencara sobre si, formando um amontoado de panos ensanguentados. Tivera a cabeça arrancada do corpo, e uma trilha de sangue e fragmentos seguia sobre o carpete até a cozinha onde fora deixada, dentro da pia de lavar louça, os olhos esbugalhados de terror.

No quarto do meio, o garoto de quatro anos havia sido estrangulado com o cordão do móvel de ursinhos que antes pendia do teto. Quem ousasse poderia imaginá-lo, a balançar em volteios fantasmagóricos, indiferente aos olhares consternados dos policiais da perícia.

Mas o pior acontecera à garota. Ela havia apanhado bastante antes de morrer. Estava com o corpo escoriado e cheio de hematomas. A perna esquerda exibiu uma fratura exposta. O nariz fora quebrado. Faltavam-lhe três dentes e parte da língua. Tinha a metade de um cabo de madeira atravessado em seu peito, com pedaços de pulmão e vértebras grudados na extremidade que transpassara suas costas.

PG apoiou-se no batente da porta, assombrado com a violên-

cia dos crimes. O que ocorrera ali não era simplesmente fruto de uma mente perturbada. A maldade estava presente... em todo o seu apogeu e glória.

Segundo as observações preliminares do legista, o homem fora encontrado pela polícia ainda com vida, caído no quintal, gemendo e transtornado, com as roupas ensopadas de sangue. Um vizinho ouvira os gritos e o quebra-quebra e acionara a polícia.

— Ele morreu há quanto

Ela havia apanhado bastante

antes de morrer. Estava com o corpo escoriado

e cheio de hematomas.

tempo? — perguntou PG, aproximando-se do corpo inerte.

— Pouco menos de uma hora. O exame clínico aponta para uma espécie de surto seguido de infarto, olhe o peito estufado, os traços de asfixia no rosto azulado... Parece que uma bomba detonou dentro dele.

— Eu vou aguardar o relatório — disse PG, depois de uns instantes.

— Ok.

PG atravessou a casa sem olhar novamente para os corpos das vítimas. Conversou com mais alguns colegas policiais e saiu para a rua, em busca de ar fresco. Precisou enfrentar ainda que por segundos o olhar amedrontado dos vizinhos e curiosos. Olhares que imploravam respostas. No entanto, sentia-se impotente diante de algo tão monstruoso. Qualquer explicação não seria suficiente para restabelecer a normalidade,

a ilusão de segurança de que tanto necessitavam.

Um velho alcançou-o antes que entrasse no carro. Era um mendigo fedorento, um sem-teto miserável que a cidade produzia da noite para o dia.

— *Isso é coisa do demônio!* — ele sussurrou tocando o braço de PG com seus dedos magros.

PG livrou-se dele com um movimento súbito, visivelmente assombrado.

— *Santo Deus! O que está acontecendo nesta cidade?*

3

Na semana seguinte, PG separou as pastas com o relatório dos últimos crimes violentos não solucionados de sua região por ordem de data. Ajeitou a luz da luminária para que não ofuscasse seus olhos durante a leitura e reiniciou a busca de pistas, indícios, elos perdidos. Ligou o computador e clicou nas pastas com informações confidenciais e recomeçou a relê-los um a um. Toda aquela perversidade o enjoava.

Eram quase 3 da manhã quando o telefone em sua mesa de trabalho tocou.

— PG?

— Doutor Frankeinsten! Acordado a essa hora?

— Muito engraçado... Pensa que é só você que dá duro por aqui?

— Tenho certeza disso! — disse PG, tomando outro gole de café. — O que manda?

— Já estou com o resultado da autópsia.

PG sentiu o corpo retesar.

— E então?

— Esse organismo, como os demais que examinamos autopsiados, sofreu uma espécie de colapso hormonal. Há comprovação de produção excessiva de corticoides e adrenalina no sangue, um verdadeiro caos químico, exatamente como os demais.

— E...

— As glândulas tireoide e suprarrenais foram hiperativadas, enquanto que a hipófise sofreu inibição total.

— O que exatamente isso quer dizer, doutor? — perguntou PG.

— Bem, os hormônios agem para aumentar o nível de estímulo no corpo. É como preparar-se para enfrentar um perigo. Você se torna mais forte de repente, com mais gás para lutar. É uma resposta fisiológica a uma ameaça.

— Mas eles eram os agressores! E suas vítimas não representavam ameaça real alguma.

— Bem — disse o legista — é o que indica o estado deste corpo antes da morte. Não havia ferimentos externos aparentes, a não ser os de resistências de suas vítimas.

— Então... esses caras estiveram lutando com alguma coisa... antes?

— O mais correto seria interpretar que todos eles experimentaram uma pressão insuportável antes de morrer. Alguma coisa os fez ultrapassar o limite. Mas, há ainda, um fato curioso em tudo isso.

— E o que é? — disse PG, sentindo certa hesitação no tom de voz do médico-legista.

— Veja, ainda estamos estudando, compreenda, não se trata de uma declaração oficial.

— Vá em frente, doutor.

— Encontramos uma substância, uma espécie de ácido no cérebro de todos esses... como vocês chamam... assassinos eventuais. Seus cérebros estavam corroídos por esse fluido, os ossos e tecidos destruídos.

Os rostos desfigurados das vítimas e de seus algozes dançavam sobre a tela, zombando de sua inércia mental.

— Frank... O que é isso? — perguntou PG, inconformado — Algum tipo de doença, um vírus? Uma mutação genética com data certa pra eclodir? Como posso trabalhar sem saber o que devo procurar, caçar?

— Infelizmente ainda não tenho respostas conclusivas. Estamos realizando exames para descobrir a origem dessa alteração. Por enquanto, só me arrisco a afirmar o que sei. Tudo leva a crer que essa violenta reação química experimentada pelas vítimas pode ter provocado a parada cardíaca. Quanto à destruição do cérebro... não sei exatamente com o que estamos lidando. Qualquer novidade nesse sentido, eu o avisarei.

— Um momento, doutor. Quero saber uma coisa. Essa reação poderia ter sido desencadeada por outro motivo qualquer, além de ameaça física ou sensação de perigo iminente?

O médico silenciou por uns segundos.

— Sim. Nosso corpo reage da mesma forma quando sentimos emoções fortes como raiva e ódio.

— Obrigado, Frank. Até mais tarde.

PG desligou o telefone e voltou os olhos para a tela do computador. Seu cérebro trabalhava ativamente, tentando ligar os pontos, encontrar uma solução razoável para aqueles crimes hediondos. Os rostos desfigu-

rados das vítimas e de seus algozes dançavam sobre a tela, zombando de

sua inércia mental. Os relatórios faziam a descrição detalhada de cada crime horripilante. Uma professora primária que mata 3 alunos, obrigando-os a ingerirem soda cáustica. O motorista de ônibus que atropela e mata um casal de namorados, deliberadamente, passando várias vezes sobre os corpos esfacelados. O executivo que estrangula a secretária depois de estripar o boy que parte em defesa da garota. O pai de família... e o padre.

Este, era mesmo de fazer perder o juízo. PG tirou as fotos do envelope, provas do bárbaro crime, recordando-se do fato ocorrido havia menos de um mês. O padre Bóris assassinara sua própria mãe, esquartejando-a para alimentar os cachorros que criava.

Todos eram crimes hediondos, brutais, extremamente violentos, que tinham ocorrido por motivos aparentemente fúteis. Qual motivo essas pessoas tinham para praticar

tantos crimes, atos tão desumanos?

Que tal um motivo não humano? — sussurrou sua mente, fazendo com que se lembrasse do que lhe dissera o mendigo.

4

— Na verdade, acho que esses assassinos têm uma personalidade fronteira, que os tornam vulneráveis a uma explosão emocional com consequências bastante desastrosas — explicou-lhe o psiquiatra, recolocando na estante o livro que lhe mostrara.

— Compreendo — disse PG., remexendo-se na poltrona. — Mas esse tipo de doença mental não deixa pistas, não há indícios prévios de instabilidade nas atitudes ou no comportamento, que façam as pessoas mais próximas desconfiarem de alguma coisa?

— Muito raramente. No dia a dia, uma personalidade psicopática sabe agir normalmente, com inteligência, polidez e bom senso. Muitos levam vida exemplar.

— O que detona essa explosão de violência contra seus semelhantes, por vezes pessoas da própria família, ou até desconhecidos? Quero dizer... como um pai pode assassinar filhos e esposa com tanta crueldade?

— É difícil dizer — ponderou o especialista. — Penso que todos nós somos como aquelas panelas de pressão resistindo a diferentes temperaturas de cozimento. Passamos 15, 40 anos de nossa vida

aguentando frustrações, acumulando ressentimentos e resistindo, à força da moralidade, da lei ou da religião, que atuam sobre alguns de nós de modo absoluto, esmagador. Um belo dia... a válvula imperfeita se rompe e toda aquela energia contida explode diante de situações das mais diversas... uma discussão no trânsito, um troco errado na padaria, a lentidão do guichê do banco, o comentário inoportuno do patrão. Fatos corriqueiros como esses ganham

Os corpos dos agressores, autopsiados, apresentavam a mesma substância desconhecida que lhes corroera o cérebro.

dimensão extraordinária e nossa reação tende a ser desproporcional, fugir ao nosso controle.

— E ainda assim, esses criminosos eventuais são considerados incapazes perante a lei... Como posso prender um sujeito e entregá-lo à justiça com esperança de que ele receba o que merece, se ainda assim irão considerá-lo livre de culpa?

Doutor Morel o encarou com expressão amistosa.

— Você sabe muito bem que não é tão simples assim. Acho que deveria descansar, PG. Está tenso e sob pressão. Por que não tira uns dias de folga?

— Não me venha com essa, doutor — disse PG, levantando-se. — Tenho um trabalho a fazer.

5

No dia seguinte, PG começou a leitura dos relatórios.

Já havia tentado estabelecer uma conexão entre os fatos, mas as conclusões a que chegara não eram esclarecedoras. Os crimes haviam ocorrido em diferentes locais da cidade, em horários diversos. Em quatro deles, o agressor conhecia muito bem as vítimas, no entanto, os agressores não se conheciam entre si — tampouco as vítimas. Não frequentavam os mesmos lugares, não haviam estudado na mesma escola, enfim, parecia não haver nenhuma ligação entre os diferentes crimes.

As vítimas podiam ser de qualquer idade e sexo. Tanto as vítimas como os criminosos tinham níveis sociais que variavam da classe média a de trabalhadores comuns. O elo que havia entre as ocorrências era o modo como elas aconteciam — violentamente, com requintes de perversidade — e como terminavam: o agressor também morria, sendo vitimado por uma espécie de colapso cerebral que provocava um infarto fulminante.

A essa informação, acrescentava-se outra, mais intrigante. Os corpos dos agressores, autopsiados, apresentavam a mesma substância desconhecida que lhes corroera o cérebro. PG lembrou-se do jogo dos zumbis e achou graça, por um momento.

— É um bom começo — comentou alguém às suas costas. — Um tanto bizarro, mas já é um começo.

PG voltou-se para encarar seu parceiro lendo o relatório que

elaborara aquela manhã.

— Oi, Toni. Pensei que ainda estivesse em férias.

— Ainda estou, para sua informação. Apenas resolvi fazer uma visita. Achei que estivesse com saudades.

PG sorriu, agradecido. Toni era seu companheiro de investigações há cinco longos anos e nada mais reconfortante tê-lo por perto, ainda que fosse por pouco tempo.

— O que pretende fazer? — disse Toni, após ler as anotações recentes sobre os casos de homicídio.

— Não sei... ainda. Estou à procura de um motivo.

Algum aspecto que tenha me escapado pelos dedos da mão. Outro ponto de vista que esclareça a questão.

— Conte-me o que já fez. — pediu Toni, sentando-se diante dele.

— Todo o procedimento normal. Conversei com as famílias e amigos das vítimas e dos assassinos,

— Alguma informação inusitada?

— Nada de especial. Sentiram-se tão chocados quanto qualquer pessoa, ao descobrir que o simpático velhinho que morava ao lado era o famigerado estuproador da lua cheia.

— Os novos criminosos tinham antecedentes?

— Negativo. Eram espécie comum, comportavam-se de modo civilizado. Falei com o psiquiatra e o médico-legista. Ambos passaram a ideia de que essas pessoas

eram doentes e não sabiam.

— Então está resolvido! — concluiu Toni, com um sorriso.

— Como assim, meu caro? Resolvido!?

— Doentes, doidinhos da Silva. Pronto! Não perca seu tempo precioso.

PG olhou-o, espantado.

— Como pode se convencer tão facilmente? — perguntou, injuriado. — Só porque algo acontece repetidamente, não quer dizer que seja certo ou normal. Não

Atendia às famílias necessitadas, distribuía alimentos e também mantinha uma escola primária para ensinar analfabetos.

compreender os motivos porque algo acontece, não quer dizer que não existam motivos. Sei que há qualquer coisa incomum em tudo isso. Não percebe os sinais?

— Algo incomum, você diz... estranho? Para mim a violência não é estranha. Convivo com ela diariamente. Acordo ouvindo seu grito de triunfo nas sirenes dos carros-patrolha, nos toques de telefone, durmo ao som dos disparos, com a canção de ninar dos noticiários da TV. A violência é um mar, PG, você sabe disso. Estamos mergulhados nele. *Todos nós.*

PG calou-se, pensativo.

— Todas essas pessoas que se tornaram criminosas eram pessoas comuns, como você e eu. Trabalhavam, comiam, faziam sexo, iam ao cinema...

— Pois se um dia você sair por aí esfaqueando mocinhas indefesas, terei o maior prazer em meter

uma bala em sua cabeça, companheiro. — disse Toni, friamente.

— *Esse é o problema, meu caro.* — respondeu PG, com expressão sombria.

— Sabe o que minha sempre mãe dizia? — comentou Toni, após abocanhar um chocolate que dava sopa na mesa do amigo.

— O que ela dizia?

— Siga a sua intuição, filho. — e sorriu, mostrando os dentes sujos. — Era isso o que dizia.

— Já acabou? — disse PG,

levantando-se. -

Então, vamos nessa.

— Pra onde?

— Seguir

minha intuição.

6

A igreja em que o finado padre Bóris ministrava seu trabalho ficava em um bairro residencial de classe média. Era de arquitetura simples e imponente e sobrevivia à custa de donativos da associação dos moradores do bairro. Atendia às famílias necessitadas, distribuía alimentos e também mantinha uma escola primária para ensinar analfabetos.

— O padre Mendes irá recebê-los agora. — disse a jovem atendente.

Seguiram por uma estreita passagem, um corredor sombrio no interior da capela, até uma pequena sala onde havia um homem. Estava sentado numa poltrona, e trazia uma Bíblia nas mãos ossudas.

— Boa tarde, padre Mendes... Meu nome é PG e este é meu co-

lega, Toni. Somos policiais.

O padre encarou-os com olhos inquietos.

— Senhores... Havia um tempo em que o homem temia a Deus e ao Demônio. Afirmo que não é esse o tempo em que vivemos.

PG e Toni trocaram olhares.

— Padre Mendes, viemos aqui para falar um pouco sobre o padre Bóris.

— S-sim, eu sei... pobre padre Bóris. Que Deus se apiede de sua alma.

— Bem, — continuou PG — o padre Bóris cometeu um crime e tanto.

Gostaria de saber o que o senhor pensa disso. Tem alguma ideia do que pode ter sucedido?

Padre Mendes caminhou até a estante em silêncio e guardou a Bíblia num canto, ao lado de um relógio.

— O Mal é um ser espiritual vivo a ativo, senhores. Ele corrompe nossas almas e nos transforma em seres pouco confiáveis.

— O que pode nos dizer sobre o padre Bóris, senhor? Era uma pessoa... como direi sem parecer inadequado... alguém sem paciência, que pudesse causar mal ou violência a outra?

— Não! Claro que não! Pelo contrário, era muito prestativo e responsável em seus afazeres. Tinha uma mãe doente, que o impedia de dedicar-se completamente ao trabalho, mas essa situação já era antiga em sua vida. Parecia conviver perfeitamente com ela.

— As aparências sempre enga-

nam... — comentou Toni.

— Talvez fosse um alto sacrifício para ele. Talvez vivesse pressionado todos esses anos... O senhor o conhecia bem?

— Trabalhávamos juntos há 3 anos. Ele era uma boa pessoa. Esqueçam... não há o que falar sobre ele... Foi o Mal que o apanhou. Mais uma vítima.

— Estamos falando de forças maléficas e coisas desse tipo, padre Mendes? — perguntou PG, atento. O senhor realmente acredita nessa

Nesse momento foram interrompidos por uma jovem que se aproximou do padre, sussurrou-lhe um recado e saiu...

teoria?

— Uma das maiores artimanhas dessa poderosa criatura é fazer-se desacreditado. Desse modo, não estamos preparados para enfrentá-lo ao nos depararmos com ele.

— Do que estamos falando? — perguntou Toni, incomodado com os rumos da conversa. Parecia-lhe inútil falar sobre aquilo.

— Do Mal que sempre existiu, que sempre esteve presente nas atitudes dos homens, desde o início dos tempos. Falo de sentimentos hediondos, do preconceito, da solidão e da inveja, da luxúria, da ganância, da falta de perspectivas felizes, falo de emoções que servem de base para ações nocivas, desagregadoras...

— Entendo.

— Nunca levou uma surra quando criança? — perguntou-lhe o padre. — Nunca teve um professor sádico ou um vizinho

invejoso? Não teve amigos cruéis que maltratavam animais indefesos até à morte? Ou um colega de classe violento e intimidador? É desse mal que eu falo... *a maldade essencial.*

Nesse momento, foram interrompidos por uma jovem que se aproximou do padre, sussurrou-lhe um recado e saiu, rapidamente.

— Tenho um compromisso. — desculpou-se.

— Obrigada por seu tempo — agradeceu-lhe PG, com um sorriso sem jeito.

— Sabem o que penso? — comentou o padre,

enquanto os acompa-

nhava até a porta. — Atualmente as pessoas estão mais afastadas dos valores fundamentais da vida. Por esse motivo se tornam presas fáceis do Mal. As sagradas escrituras já o dizem: “*Vista a armadura do Senhor contra as hordas do Mal, para que se lhe ofereça resistência no dia da tentação.*”

Eles saíram da igreja e caminharam pela rua até o lugar onde o carro estava estacionado. Havia chovido, e a noite prometia ser longa.

— Sabe o que acho? — disse Toni, acendendo um cigarro. — Esse padre Bóris... deu ponto pro Diabo.

7

— Tenho pensado muito nesses crimes... — comentou PG enquanto o amigo manobrava o carro.

— Por aqui não há coisa me-

lhor para se pensar — disse Toni, engatando a ré.

— Você não sente o peso da atmosfera dessa cidade, Toni? Não percebe a tensão constante no ar? Parece que todos estão prestes a explodir...

— Cidade grande, grandes encrencas... já dizia minha santa mãezinha.

— Nosso trabalho é monitorar pessoas, prever problemas enquanto nos afundamos nessa merda. — disse PG, desanimado.

— Sinceramente... viver ou morrer é pura questão de sorte. Não há escolha.

Permaneceram em silêncio o restante do trajeto, cada um imerso em suas crenças e impressões. A chuva recomeçara, mergulhando a cidade numa névoa úmida, subtraindo o contorno preciso da realidade.

Haviam percorrido pouco mais de quatro quarteirões, quando o carro surgiu de repente na esquina da avenida, avançando sobre a pista sem qualquer cuidado. Toni brecou rapidamente, mas os pneus de seu carro, um sedan antigo que pertencera a seu pai, deslizaram na chuva fina que cobria o asfalto. O choque foi inevitável.

— Era o que me faltava! — ele exclamou, contrariado.

O carro parou vários metros à frente. Ninguém havia se ferido.

— Tudo bem?

— Parece que não foi nada sério... — disse PG, olhando pra trás. — Uma lanterna, no máximo.

— Droga de chuva! — res-

mungou Toni, abrindo a porta do carro.

— Quer ajuda? Diga que não...

— Pode deixar. Resolvo tudo num instante. — e saiu caminhando em direção à esquina onde se encontrava o carro abalroado.

PG acionou o botão do pisca-alerta e sintonizou em sua FM preferida. Ainda desejava passar na delegacia para pegar uma pasta com documentos. Se não fosse a maldita chuva, até iria fazer companhia ao amigo.

Haviam percorrido pouco mais de quatro quarteirões, quando o carro surgiu de repente na esquina da avenida...

Toni aproximou-se do carro e parou para avaliar o estrago. Da janela do motorista, o homem voltou-se para Toni com a boca crispada pela raiva.

— Por acaso você é um estúpido? Não viu o sinal de advertência, logo ali? — vociferou na direção de Toni.

— Não vi, não. — disse Toni, estudando a situação. — O homem, um caucasiano de uns cinquenta e poucos anos, estava sozinho. Era corpulento, alto e forte, parecia um alemão, um tanque de guerra. Mostrava alto nível de irritação. O carro era novinho, estava sem placa. Os vidros ainda exibiam os selos de fábrica e havia plástico nos bancos traseiros.

— Vocês dirigem como doídos! — gritou o homem, saindo do carro. — Não passam de uns imbecis! Olhe só o que fez com meu carro novo! — gesticulou,

alucinado. Quanto vai me custar isso?

Toni conferiu o estrago. A lanterna fora quebrada e o para-choque dianteiro esquerdo havia se partido.

O homem estava cada vez mais bravo.

— Ei, espere um pouco. — disse Toni, começando a se irritar com a atitude do grandalhão. - Eu estava em minha mão, passando pela avenida. O senhor veio e entrou com tudo na frente... A culpa

não foi minha!

— É claro! Agora diz que a culpa não foi sua!

Sem-vergonha! — gritou, avançando em sua direção.

Toni começou a sentir o coração bater mais forte. Estava desarmado, sem insígnias, mas mantinha uma atitude razoável. Não entendia a extrema reação do homem. Podia pagar pelo estrago.

— E o meu sedan, seu esperzinho? Por acaso, ele também está batido. O que me diz?

— Eu quero que você vá pro inferno! — disse o homem, fechando os punhos e gritando.

— Olhe aqui! — disse Toni, rispidamente, mantendo uma distância segura do grandalhão. - Eu não estou lhe ofendendo ou sendo agressivo, acho melhor o senhor se acalmar, senão a coisa toda vai complicar!

— Não me interessa! Vai ter que pagar!

— Pra mim, chega! — gritou Toni, irritado com a atitude do homem. — Se o senhor continuar a gritar não vou mais discutir aqui

na rua, nós vamos a uma delegacia. E isso se eu não estiver muito chateado, senão eu vou embora e o senhor que se f...!

Tudo aconteceu em segundos.

Toni viu o homem levar a mão pela janela do carro e sacar um 38, apontando-o em sua direção.

— Não vai pagar, desgraçado?

— Ei... — ele conseguiu dizer, antes de ouvir os disparos.

8

PG ouviu dois disparos e se agachou no banco da frente, aturdido.

Abriu a porta do carro,

sacou sua arma e deslizou para a lateral, buscando proteger-se até entender o que tinha ocorrido.

Um arrepio percorreu sua espinha ao constatar que Toni havia sido baleado. Viu o agressor entrar no carro, dar partida e sair a toda velocidade pela pista da esquerda, desviando do corpo do amigo, que jazia no chão, inerte.

Os carros que circulavam pela avenida diminuía a velocidade ao passar pelo local do acidente. Alguns curiosos se aproximavam, querendo provar do espetáculo, sem maiores comprometimentos. Alguém gritou que já chamara o resgate. Um pequeno grupo se juntara em volta do homem ferido.

PG saiu correndo em direção à esquina, atordoado com a velocidade dos acontecimentos. *Precisava socorrer o amigo.* Essa era a mais importante necessidade do momento.

Avaliou a situação rapidamente. Toni recebera dois tiros no peito e estava inconsciente. Os ferimentos pareciam ser graves, sangravam muito, de modo que PG precisou agir com presteza. Por sorte, um carro de polícia estacionou do outro lado da avenida, e dois homens uniformizados vieram prestar ajuda. PG identificou-se e pediu que acompanhassem o ferido até o hospital mais próximo, assim que o resgate chegasse. Ao longe, podia ouvir a

De repente, numa rua à direita, viu de relance o carro do agressor entrar no terreno abandonado e mal iluminado...

bendita sirene.

Em seguida, PG correu e entrou no carro de Toni, saindo em perseguição ao agressor. Em sua cabeça, um redemoinho de imagens foi se formando. Cenas de dor e violência, uma fusão medonha de corpos mutilados, choro de crianças, olhos maus e acusadores que o perseguiam... Sentia-se atordoado, com respiração ofegante, como se estivesse prestes a vomitar.

PG sacudiu a cabeça para pensar com clareza. Ponderou que o agressor não poderia ter ido muito longe, pois poucos minutos os separavam no tempo.

Controle-se! — disse a si mesmo, colocando a cabeça para fora do carro para sentir o vento revigorante da noite agir em seu ânimo. Precisava manter a energia e o pensamento alertas.

Seu amigo... ele estava em férias e viera visitá-lo... Ele o acom-

panhara na visita ao padre... agora podia estar morto... por sua culpa!

Seus pensamentos vagavam sem controle algum. Lembrou-se de Toni, rindo e feliz, ao lado de um peixe de 10 quilos, numa foto que havia sobre a mesa do escritório. Recordou-se de como ele gostava de contar piadas sobre pescadores e suas mentiras. Depois seus pensamentos tornaram-se mais sombrios, na época em que perdera seu cachorro, atropelado por um carro. Tinha apenas

sete anos, mas a lembrança dessa perda não o deixara em paz.

Começou a fraquejar, sentindo-se quase impotente diante da realidade áspera. Seu parceiro e melhor amigo podia estar morto agora. Podia ter dado entrada no hospital ainda com vida ou morrido a caminho...

De repente, numa rua à direita, viu de relance o carro do agressor entrar no terreno abandonado e mal iluminado de um antigo estacionamento, no final do quarteirão. PG estava só e ciente de que o homem tinha uma arma. As viaturas não tardavam a chegar para dar-lhe reforço. Mas até lá precisava ter calma.

Ou não.

9

PG apagou as luzes e deslizou o carro pela rua até chegar à entrada do terreno. A chuva fina havia cessado e o ar límpido da noite o manteve alerta, desperto. Agora, mais do que nunca precisava estar

inteiro.

O carro do agressor havia ziguezagueado pelo terreno até perder velocidade e parar, após chocar-se com umas caixas de papelão e sacos de lixo, acumulados na parte central.

PG não havia visto o homem descer do carro. Quem sabe estivesse ferido ou atordoado. Não sabia ao certo. Também poderia estar à espreita, aguardando para meter bala no próximo que cruzasse seu caminho. Não se importava.

Pisou no acelerador, sentindo o coração bater mais forte no peito. Respirava com dificuldade, suas mãos começaram a suar, deslizando sobre o duro plástico do sedã de seu amigo Toni. Chegara o momento, afinal.

Não pisou no freio. Não como se faz normalmente quando se quer evitar um acidente. Simplesmente deixou o carro chocar-se com a traseira do outro carro, com o objetivo de destruir o que estivesse à sua frente.

Após o choque, o carro foi empurrado vários metros à frente. Depois rodopiou e bateu de lado no muro, ficando parcialmente destruído. PG saiu do carro com

a testa sangrando, de arma em punho, disposto a acertar as contas com o assassino de seu melhor amigo.

Caminhou até o carro dominado por uma familiar sensação de poder. O poder de tirar a vida de alguém, interromper o curso de algo, mudar um fato a seu bel-prazer ou necessidade. Uma alegria feroz tomou conta de seu corpo, o grito de vingança soou bem alto em seu coração.

Abriu a porta do carro e viu o grandalhão tentando escapular pelo outro lado. PG mudou de ideia. Segurou-o pelos pés e o puxou para fora - tal força lhe era completamente desconhecida.

O homem virou-se e chutou seu rosto, fazendo com que acreditasse que havia quebrado o nariz. Mas reagiu à altura, embora a dor se espalhasse rapidamente em seu rosto. Procurou atingi-lo no estômago, e depois nas costelas, e ainda no queixo.

— *Seu animal!*

O homem cambaleou e caiu sentado sobre o lixo. A arma não estava mais com ele. Provavelmente caíra de sua mão na hora do choque entre carros. PG aproximou-se, sacou e apontou a

arma em sua direção, com o dedo no gatilho.

Entretanto, uma súbita consciência o impediu de matá-lo ali mesmo, sem testemunhas, por legítima defesa. *Quem iria contestá-lo? Mas ele decidiu não fazê-lo.*

Um lapso no tempo o fez recordar-se de quando era apenas um estudante interessado nas descobertas da ciência.

Lembrou-se de sua professora de biologia e das aulas de laboratório, onde observava pelo microscópio as criaturas invisíveis a olho nu atacando as células que desejavam destruir. Recordou-se de como ficava espantado ao ver que dezenas delas eram invadidas pelo inimigo, sucumbiam durante o processo, enquanto outras apenas resistiam ao ataque. Firmemente.

Ela então lhe ensinara, com prazer científico, o que considerava uma reação apropriada da natureza, um milagre da vida: em qualquer população, de qualquer espécie no planeta, sempre existiriam alguns com imunidade, que mostrariam incrível resistência ao invasor.

*Pisou no acelerador, sentindo
o coração bater mais forte no peito.
Respirava com dificuldade...*



INVASÃO ALIENÍGENA



ETézio por Marcelo Bighetti

INVASÃO ALIENÍGENA